

# Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



## Capítulo VII



O ar fresco da noite permanecia silencioso, exceto pelo grito distante de uma coruja. Estrelas A luz iluminava os terrenos escuros da Abadia e o tênue brilho de várias lamparinas a óleo reluzia nas janelas dos dormitórios, a dois andares de distância. Do outro lado do pátio, uma fileira de vitrais também brilhava, mas intensamente — a catedral estava viva.

Dentro da igreja reluzente e imponente acima, um intrincado afresco manchado de fuligem adornava o teto abobadado. A pintura se estendia por quase toda a parte superior da catedral. Abaixo dela, duas fileiras de pilares de pedra maciços alinhavam-se perto das paredes externas e percorriam toda a extensão da ala principal. Juntos, sustentavam arcobotantes que se elevavam em direção ao céu e desapareciam no O mesmo projeto robusto existia em todas as quatro alas da catedral e, onde as alas se encontravam — no espaço aberto e compartilhado entre elas — erguia-se um altar elevado com capuz. Tapeçarias e cortinas pendentes ornamentavam o dossel de madeira esculpida do altar, e a peça central sagrada repousava sobre uma sólida laje de pedra que centralizava o chão. De cada lado da laje do altar, grossas tiras de couro estavam presas a argolas de ferro fechadas que se projetavam da base de pedra.

O Cardeal Blasi estava diante do altar elevado, com um par de altos candelabros de chão lançando uma luz bruxuleante sobre seus ombros. Completamente absorto no texto de uma pilha de páginas frágeis que agora embaralhava, ele murmurava para si mesmo. Seus olhos transbordavam lágrimas.

sobre as passagens em latim das Traduções de Naramsin, com as quais ele havia fugido dos arquivos dos Apócrifos. Perto dali, os frades Clódio e Greville aguardavam ordens em silêncio. Além dos três, e do Frei Grate, que se ocupava em amarrar a última das várias cordas de couro compridas aos oito anéis de metal da laje do altar, o A catedral estava vazia.

Por fim, Frei Grate aproximou-se de Blasi. "As amarras estão seguras, Abade; da mais longa para a mais curta — de fora para dentro."

Blasi desviou brevemente o olhar das páginas gastas. "O que isso significa?"

Greville interveio na tentativa de explicar a declaração de Grate. "De cada lado da base de pedra do altar, há quatro ganchos. Cada um deles requer uma corda. Todas as cordas devem ser—"

Clódio suspirou; interrompeu Greville e deu a Blasi uma explicação mais concisa: "A laje do altar repousa em dois sulcos no chão. Se a laje não for puxada uniformemente para trás, ela irá emperrar."

Blasi ergueu uma sobrancelha, mas não desviou o olhar dos papéis. "E se pegar?"

Clódio respondeu: "Bem, se a laje se prender, as amarras devem ser rearranjadas em ordem inversa — da mais curta para a mais longa, com as pontas soltas cruzadas para o outro lado do altar. Em seguida, a laje deve ser completamente fechada antes de inverter as amarras." novamente e reabrindo-o."

É difícil? Complicado?

Clódio deu de ombros. "Apenas demorado — o tempo necessário para fechar e reabrir o poço no chão."

Blasi informou-o: "Então, encarrego-te agora da tarefa de garantir que a laje "Não pega." Clódio enrijeceu enquanto Blasi continuava: "E, é claro, responsabilizarei vocês dois por qualquer aborto espontâneo."

Clodius ficou boquiaberto e lançou um olhar para Greville, que franzia a testa ao ver o sorriso discreto de Grate. Ele se remexeu antes de pigarrear. "Com sua permissão, Vossa Eminência, não podemos garantir que a laje não irá pegar fogo."

Blasi baixou lentamente as páginas e se virou para ele com os olhos semicerrados.

E tanto Clódio quanto Greville encontraram, sob a testa gélida do Cardeal, o que parecia ser o olhar frio, impassível e determinado do próprio Diabo. O olho cego de Blasi os atravessou, como se quisesse vê-los todos ao mesmo tempo.

Clódio desviou o olhar apressadamente, voltando-se para o altar enquanto implorava a Blasi: "O altar nunca foi movido. Só conhecemos o método de..." movendo-o através de antigos registros da Abadia. Presumir que teremos sucesso—"

Blasi o interrompeu; suas palavras carregadas de crescente impaciência: "Vocês estão agora diante de mim — não no dormitório — porque continuam em minha graça. Ambos desejam ser os novos supervisores das catacumbas, não é?"

"Oh, sim!" exclamou Greville, "E estamos humildemente ao seu serviço."

Clódio lançou um olhar fulminante para Greville antes de responder: "Sim; contudo, se lhe aprover, Seu

Eminência-

“Então, você deve garantir que a laje não pegue fogo, sim!” Blasi latiu.

Clódio suspirou, mas concordou. "Assim faremos, Vossa Eminência."

Subitamente, as portas duplas externas da ala do oratório se abriram quando o Capitão Bourne liderou duas colunas de seus soldados mais fortes para dentro da igreja — e pelo corredor central que longas fileiras de assentos em terraços dividiam a catedral. O rufar de cem botas de marcha ecoava pelo oratório. Por fim, o capitão gritou para que parassem e os soldados congelaram em posição. E enquanto sua voz se dissipava, ecoando pelos vastos recintos das alas da igreja, um novo silêncio se abateu sobre a catedral.

O cardeal Blasi e os três frades da abadia observaram a aproximação do capitão Bourne. O Capitão parou abruptamente, coçou a bochecha e colocou as mãos na cintura. Seu olhar percorreu a catedral com olhos verdes e inquisitivos, examinando principalmente o altar com suas cordas presas. Então, ele trocou olhares com cada um dos frades antes de se virar para Blasi. “Vamos começar?”

Blasi voltou sua atenção para as páginas de Naramsin e respondeu: “Em breve, Capitão. No entanto, há vários detalhes pertinentes e bastante significativos a respeito do altar. Frei Clódio os informará agora.”

Clódio entendeu o sinal e deu um passo à frente. "Ah, sim, Capitão", disse ele. O monge explicou a Bourne a importância de puxar a laje do altar uniformemente, de modo que... não se encaixava no lugar. Juntos, eles caminharam ao redor do altar por quase três minutos enquanto Clódio informava Bourne sobre o que era necessário. O monge continuou: “Portanto, o posicionamento de seus homens é de suma importância, pois eles disputarão espaço quando começarmos”. Bourne observou as oito longas cordas estendidas no chão, em um encaixe preciso, partindo da laje. “Como você já sabe”, acrescentou Clódio, “a tarefa de mover o altar é um tanto complexa — na verdade, mais do que se pode deduzir à primeira vista. Mesmo assim, preciso de noventa e oito de seus homens — nem mais, nem menos. Agora, quantos você tem?”

Você está pronto?

“Chega”, afirmou Bourne.

“De fato.” Clodius franziu a testa e ergueu o queixo. “Entendo.” Ele examinou a cicatriz desfigurante na bochecha de Bourne.

Bourne inclinou-se para a frente e sussurrou: "Cuidado com seu olhar virtuoso, frade; para que não me obrigue a salvar as aparências diante dos meus homens." Clódio olhou por cima do ombro de Bourne para

**Ele descobre duas colunas firmes da Guarda Real encarando-o.**

“Bem, então.” O monge bufou e se virou, desanimado. “Vamos providenciar... seus homens?”

“Posicione-os como achar melhor, padre”, declarou o Capitão Bourne, apontando para seus soldados com um lento movimento da mão estendida.

Clodius olhou para o Cardeal Blasi, que aprovou com um simples aceno de cabeça confirmatório.

Assim, Clódio ocupou-se, posicionando oito fileiras de soldados nas cordas de couro. Ao todo, quarenta homens asseguraram as duas amarras mais externas, vinte e quatro seguraram o par seguinte mais externo, vinte agarraram o par seguinte mais interno e quatorze seguraram as amarras mais internas. Bourne posicionou o último de seus homens — aqueles que não tinham posições designadas — em as amarras — do lado de fora da catedral, para guardar cada uma de suas três entradas. Todas estavam em posição; todas estavam prontas. E no silêncio que se seguiu e envolveu a igreja, Clódio passou por trás das oito fileiras de soldados, inspecionando o alinhamento de cada fileira em relação à posição do altar. Finalmente, ele se afastou, olhou para Frei... Grate observou de longe e assentiu com a cabeça. Grate sussurrou algo para o Cardeal Blasi, que ergueu os olhos dos seus papéis e fez um sinal para Bourne com a mão. Em resposta, Bourne voltou-se para os seus homens e bradou ordens enquanto circulava pelas fileiras. "Cada homem!" Puxem! Cada remada puxa como uma só! Todas as remadas mantêm o ritmo juntas — uma puxada de três tempos; um descanso de três tempos!" Ele parou atrás deles e juntou as mãos na parte inferior das costas. "Aos meus sinais!" As cordas esticaram. "Puxem!"

Noventa e oito soldados se esforçavam. Oito amarras rangiam. Mesmo assim, o altar mantinha sua posição sagrada. Blasi lançou um olhar furioso para Clódio. Greville se remexeu.

"Puxe!" Mais uma vez, os soldados se apoiaram nas cordas enquanto o ruído estridente de seis toneladas de rocha deslizando reverberava pelo chão da catedral.

"Impulsiona!"—e mais alguns centímetros.

"Arremesse!"—e ainda mais.

"Arremesse!"—mais.

"Arremesse!"

Preparado e como um tamborileiro de navio sobre remadores agitados, Bourne manteve o ritmo. Seus soldados eram um coro de assobios e gemidos. E a cada novo chamado de Bourne, o A laje revelou mais um chão sujo. Do lado oposto do altar, em relação a Bourne, Blasi viu um buraco retangular surgir gradualmente, exalando décadas de mofo acumulado. Por fim, com um buraco profundo completamente exposto, um baque ressonante ecoou por meio da igreja.

"Está feito", informou Clodius a Blasi, "A laje não vai mais longe." Blasi fez um gesto para Bourne enquanto caminhava em direção à vala aberta.

"Soltem!" gritou Bourne. Os soldados largaram as amarras; o suor brilhava nos braços exaustos; vários homens desabaram no chão enquanto outros se curvavam, ofegantes. No entanto, A maioria dos homens permanecia ereta, com a cabeça jogada para trás e a boca aberta, ofegante, olhando para um teto repleto de anjos pintados.

Frades, Grate e Greville alinharam a borda externa suja do buraco com vários candelabros de chão altos. Blasi inspecionou a cavidade agora iluminada. Com doze pés de profundidade, o buraco media dezesseis pés por doze pés. Todas as quatro paredes estavam cobertas por uma resina preta, que lembrava uma fina camada de cinzas de carvão depositada na superfície interna de um...

chaminé de lareira bastante usada. Mesmo assim, sob a sujeira, Blasi avistou uma característica semelhante gravada no centro de cada parede: gravuras de cruces, cada uma com três círculos concêntricos envolvendo o seu núcleo. No entanto, o que o cativou — o que acelerou seu coração e sua respiração a ponto de quase fazê-lo desmaiar — foi aquilo que se destacava da cova visivelmente carbonizada.

Uma pedra retangular, preta e brilhante, com bordas bem definidas e cantos afiados, emergiu do centro do piso da cavidade. As laterais vítreas da pedra refletiam a luz do candelabro — a pedra parecia um bloco vertical de ônix altamente polido, com dois metros e dez de altura, um metro e meio de largura e um metro de profundidade. No entanto, apesar de sólido, o monólito possuía um único orifício, impecável e desobstruído, de sessenta centímetros de diâmetro, que fendeu o centro da face mais larga da pedra. Completamente, fileira após fileira de gravuras Inscrições geométricas cobriam suas superfícies externas, chegando até mesmo ao interior curvo de seu buraco enorme.

Em sua imaginação, Blasi comparou as semelhanças dos esboços apócrifos com os Um artefato genuíno, que agora se erguia diante dele. Completamente fascinado, caminhava de um lado para o outro ao redor do fosso, um brilho intenso em seu único olho funcional. Seu olhar era vago — talvez, até mesmo para revelar a expressão de uma compreensão gradual de uma verdade impressionante que dissipava toda dúvida ou descrença de que, de fato, o Inferno era real, com seu alto portão de pedra erguia-se diante dele.

De longe, o Capitão Bourne gritou para Blasi: "E o que mais deve ser feito?" "Ah, sim. Faremos isso", murmurou o Cardeal, aparentemente hipnotizado pela imagem da Pedra do Portal, enquanto as lembranças de seus irmãos mortos lhe invadiam os pensamentos, acelerando-os. seu coração, e despertou nele um intenso ódio pelo rei Eduardo, da Inglaterra. E naquele momento de lembrança e amargura, ele recordou a voz persistente do espírito de Jean Jacques Blasi, dizendo-lhe: 'Eles escondem segredos, uma arma capaz de destruir o rei inglês. Você deve se apoderar dessa arma, François. Você deve usá-la contra ele.'

"E então?", perguntou Bourne com crescente impaciência.

Blasi quebrou seu transe e deu ordens aos berros: "Frei Grate, uma vez lá dentro, precisarei de luz suficiente para enxergar. E você me acompanhará." Ele se virou para Bourne: "Preciso de uma corda e de alguns de seus homens para me baixarem pela borda." Monges e soldados estavam ocupados.

Em pouco tempo, Clódio e Greville se reuniram ao lado de Blasi, que agora estava de pé, observando o Naramsin páginas. O Cardeal virou-se e dirigiu-se a Clódio antes de lhe confiar a pilha de papéis: "Você sabe a importância destes pergaminhos. Agora, tenha cuidado com eles; são delicados. E NÃO os deixe cair, pois os organizei com precisão."

"De fato, Vossa Eminência", disse Clódio, pegando os livros de suas mãos. Seus olhos famintos percorreram as páginas frágeis, maravilhados por terem em mãos aquele texto antigo.

Blasi acrescentou, com instruções: "Vocês me entregarão essas informações quando eu as solicitar."

Bourne caminhava ao lado de um soldado que arrastava uma corda em direção ao fosso. Três soldados o seguiam. Na borda do buraco, os soldados baixaram a corda pela lateral e ajudaram a baixar Blasi para baixo do chão. Atrás deles, Frei Gate apressou-se com um pequeno candelabro de sete chamas. Parando abruptamente, sua sandália escorregou na sujeira que revestia o buraco e ele quase caiu na cratera. Lá ficou ele, segurando a luz e pendurado na borda, com o punho de Bourne firmemente cerrado nas costas de sua batina. O Capitão o puxou para a segurança e sibilou por cima do ombro: "Para um padre tão animado, você desafia a morte."

Dentro do fosso, Blasi fincou as sandálias no chão e soltou a corda. O Cardeal limpou as manchas na frente de sua batina, mas a fuligem persistente continuava lá. Ele examinou os arredores escuros antes de gritar de baixo: "Frei Gate! Traga uma tocha!" Os soldados ajudaram a descer Frei Gate para dentro do buraco. Blasi aproximou-se da parede e, com um gesto de mão para cima, acenou para Clódio. "Meus pergaminhos; entregue-os a mim."

Clódio comparou o chão imundo à sua túnica limpa. Em vez disso, entregou a pilha de papéis a Greville. "Dê a ele." Greville lançou um olhar fulminante para Clódio e pegou os papéis. Deitou-se de bruços sobre a borda do buraco imundo e passou as páginas para Blasi. Ao pegá-las, Blasi chamou Clódio: "Você deseja supervisionar as catacumbas da Abadia; no entanto, elas são tão imundas quanto este fosso. Talvez eu possa reconsiderar sua nomeação." Clódio apenas franziu os lábios e desviou o olhar .

Já dentro da cratera, Frei Gate ergueu o braço e pegou o candelabro de um dos soldados, fazendo uma careta quando gotas de cera quente escorreram pela parte interna do seu antebraço. "Traga a luz", Blasi chamou Gate, aproximando-se da Pedra do Portal.

Enquanto o frade iluminava a face polida da Pedra Fundamental, o Cardeal inspecionava suas numerosas fileiras de inscrições distintas, porém indecifráveis, que não eram de origem francesa nem latina, mas que, juntas, apresentavam uma fluidez que lembrava uma linguagem escrita, desconhecida até mesmo pelos estudiosos mais eruditos da época. Notavelmente, as inscrições não eram hieróglifos, mas sim figuras geométricas que o Cardeal Blasi reconheceria posteriormente em coleções de textos outrora ocultos no arquivo dos Apócrifos. Blasi fez um gesto para que Gate permanecesse onde estava. O Cardeal afastou-se ainda mais da face da Pedra Fundamental e centrou-se diante das gravuras. Bem em cima do seu olhar, o fluxo de símbolos parecia formar um padrão — fileiras de círculos e linhas que poderiam sugerir uma ordenação de inscrições que clamavam por sua pronúncia imediata. Contudo, tal como nas inúmeras vezes em que Blasi estudou os mesmos símbolos nos livros apócrifos, chegando mesmo a sentir-se perto de pronunciar os sons que pareciam pronunciá-los, tudo o que lhe restava era a frustração recorrente de não conseguir. Baixou o olhar.

Folheando as páginas em suas mãos, ele se perguntava sobre o método pelo qual um mero clérigo da Abadia, de nome Naramsin, havia conseguido traduzir inscrições tão enigmáticas para o latim.

Os papéis de Blasi esvoaçaram e a chama de Grate tremeluziu numa brisa fresca, que subitamente se espalhou sobre seus pés calçados com sandálias. Juntos, eles ergueram o olhar e notaram Clodius, Greville e Bourne olhando para eles. Blasi os dispensou e caminhou em direção à Pedra do Portal. Inclinou a cabeça, espiou pelo buraco e viu apenas a parede distante e tênue do fosso. Encostou as pontas dos dedos na face da Pedra do Portal e a achou inesperadamente gélida. Novamente, recuou à distância anterior e fitou o monólito, esfregando o queixo, perdido em pensamentos.

Bourne pigarreou ruidosamente, como que para demonstrar uma crescente impaciência. Blasi respondeu ao ruído, sem sequer lhe lançar um olhar:

"Isto não é diversão, Capitão. Algumas tarefas exigem delicadeza."

Bourne bufou, colocou as mãos na cintura e caminhou de um lado para o outro perto da borda do buraco. "É "Que pedra idiota!", resmungou ele.

Só então, Blasi casualmente virou a cabeça para Bourne e estreitou os olhos. "Uma pedra? É isso que você acha que é?"

Bourne confirmou sua afirmação: "Uma rocha".

Blasi entregou a pilha de pergaminhos a Grate, aproximou-se da parte do chão da mina diretamente abaixo de onde Bourne estava e gritou para ele: "Talvez você pudesse me emprestar sua adaga, mesmo que por um instante?"

Bourne segurava uma lâmina embainhada com cabo de osso, que pendia de seu quadril. "E por quê?"

"Já que quero compartilhar com vocês algo sobre esta 'mera rocha' — como vocês a chamam tão facilmente."

A uma curta distância do Capitão, Greville inclinou-se para o ouvido de Clodius e sussurrou: "Ele está portando uma arma na Casa de Deus!"

Bourne desembainhou a lâmina. Com o polegar, limpou uma leve mancha de sangue de Ivan da superfície polida. Clódio, ao ver uma faca dentro dos limites sagrados da igreja, estreitou os olhos e cerrou os dentes, mas não disse nada. Bourne acenou com a cabeça para Blasi. "Muito bem", concordou, atirando-a no fosso. A adaga tilintou no chão ao lado do Cardeal. "Raspe sua pedra sagrada e mostre-me a magia dela."

Blasi balançou a cabeça enquanto pegava a faca. "Oh, não vou arranhá-la. Mesmo assim, posso exigir toda a sua atenção com esta lâmina." Ele se afastou e se aproximou da Pedra do Portal. Então, curvou-se levemente e lançou a faca pelo orifício central.

Bourne esperou que a adaga caísse do outro lado do buraco. Nada — como se tivesse desaparecido. Ele circulou a lateral do fosso, mas não viu nenhuma faca no fundo. Clodius e Greville o seguiram, ambos perplexos. Finalmente, Bourne informou Blasi: "Já vi feitos de magia melhores na Corte Real de Sua Majestade." Agora, se me permite; Por favor, devolva minha lâmina.

Instantaneamente, um clarão banhou o teto da catedral quando a adaga de Bourne mergulhou em sua direção, cortando a manga esquerda de sua camisa e perfurando a ponta de sua bota. antes de se cravar firmemente no chão de pedra. Bourne caiu para trás, sentado, com a bota ainda presa no chão. Olhou para a adaga, agora alojada entre os dedos do pé, o cabo coberto por uma fina camada de gelo. Inspecionou a manga rasgada e viu uma fina linha vermelha que se formava em seu antebraço. Então, vasculhou o teto da igreja, encontrando apenas o mural com anjos e demônios em guerra e reis em prantos. Com as sobrancelhas arqueadas e a boca aberta, Clódio e Greville encararam a lâmina caída. Blasi permaneceu nas sombras da vala, alheio ao que acontecia do lado de fora. Ele respondeu a Bourne: "Infelizmente, não pode ser devolvida, Capitão. A lâmina não existe mais."

Bourne quebrou a adaga na ponta e a puxou de dentro da bota, resmungando baixinho. Com a respiração ofegante, ele disse: "Tente isso de novo e eu me esquecerei de que você é um cardeal." Um soldado correu e estendeu a mão para ajudá-lo. Bourne a agarrou, e o homem o ajudou a se levantar rapidamente. Então, o capitão sussurrou para o soldado enquanto guardava sua adaga sem fio na bainha: "Sargento Armond, é hora de encorajar os homens. Você sabe o que eu espero. Agora, cuide disso. Depressa." Armond fez uma reverência rápida e disparou em direção às portas da catedral quando Bourne lançou um olhar inquisitivo por cima do teto enquanto gritava atrás dele: "E traga meu capacete!" Armond parou e fez outra reverência rápida antes de sair correndo.

Greville informou Blasi: "A lâmina caiu aqui em cima!"

Bourne aproximou-se cautelosamente da borda do fosso e encontrou Blasi olhando para ele, de braços cruzados. "Ainda é uma rocha, Capitão?", perguntou. Bourne, porém, apenas o encarou com inquietação. Blasi virou-se e instruiu Clodius: "Certifique-se de que as amarras no altar estejam invertidas e posicione os soldados do Capitão no lado oposto da laje para selar o fosso novamente." Clodius assentiu e se afastou, mas parou e olhou para Bourne em busca de aprovação. Bourne assentiu e o dispensou com um gesto petulante de mão. Assim, Greville reposicionou as amarras enquanto Clodius realinhava os soldados.

Dentro do fosso, o Cardeal Blasi já havia voltado sua atenção para a Pedra do Portal. E quando Clódio posicionou o último dos homens de Bourne nas amarras que Greville havia invertido, o Cardeal recuperou as Traduções de Naramsin de Grate e instruiu o monge a segurar o candelabro de uma certa maneira — alto o suficiente para que ele pudesse ler os versos escritos sem ficar cego e sem conseguir ver toda a face da Pedra do Portal. O som repentino de um espirro de um soldado ecoou pelo interior da catedral e Blasi lançou um olhar para Bourne. "Exijo silêncio, Capitão." Bourne instruiu seus homens: "Nem um som!"

Um silêncio inquietante se seguiu, quebrado apenas pela voz clara e ponderada de Blasi, enquanto

ele começou a recitar de páginas em mãos. *“Et erit fugerit a voce formidinis cadete in faveam et qui se explicuerit de fovea tenebitur laqueo—”*

O tempo passou enquanto Blasi circulava a Pedra do Portal, lendo em voz alta os versos latinos de Naramsin. Frei Grate estava pendurado em sua manga, com o candelabro aceso. Por fim, Blasi parou de andar e se voltou para o monólito. Então, recitou o último dos versos escolhidos: *“—formido et fovea et laqueus super et qui habitator es terrae”*. Em seguida, baixou as páginas e examinou a pedra. Um minuto se passou — depois dois. Finalmente, Blasi e Grate avançaram para examinar o rosto inalterado da estátua.

Já no terceiro minuto de silêncio, Bourne gritou para Blasi: "Vamos fingir que vemos um exército de fantasmas, Vossa Eminência? Ou será que sua pedra está esvaziada de...?"

"É mágica, depois do truque do bobo da corte com a minha espada?"

Blasi ergueu os olhos e encarou o sorriso discreto de Bourne. "Capitão, toda a sua vida não passa de um instante comparada a esta pedra."

Bourne cruzou os braços e respondeu com um resmungo: "Como é a sua vida, a mesma, até para um..." "Pedra." Os soldados riram baixinho. "Silêncio!", repreendeu-os ele.

Clódio e Greville permaneceram à parte de Bourne e seus homens enquanto os dois frades conversavam em voz baixa.

"Devo confessar", sussurrou Greville para Clódio, "em todos os meus anos como sacerdote do Alto Conselho, e com tudo o que li sobre os registros e representações da pedra, jamais consegui acreditar que tal coisa realmente existisse sob este altar, apenas fingiam ter fé nisso. E tenho certeza de que a maioria dos frades do Alto Conselho sentia e agia como eu, apenas por medo de uma dura repreensão."

"Agora sabemos", respondeu Clódio, acenando com a cabeça na direção do poço.

"Mas você realmente acreditava que ela existia — que nossa Abadia protegia tal pedra?"

Clódio ergueu o queixo. "De fato, eu o fiz." Ele pigarreou antes de admitir: "No entanto, eu mantive a pedra com uma aparência diferente dos esboços do scriptorium."

"Como assim?", perguntou Greville.

Clódio cruzou os braços e ponderou, acariciando o queixo com os dedos antes de responder: "Bem, a pedra parecia perfeita demais em suas representações. Só Deus sabe..."

Mas eu a considere mais comum — até mesmo uma relíquia rudimentar de outra época." Ele apontou o dedo para Greville enquanto olhava para o horizonte. "Além disso, me pareceu semelhante àquelas grandes pedras eretas da Inglaterra — aquelas antigas

**pedras, dispostas em círculo; se você se lembra"**

"Ah, essas; sim, eu me lembro delas", respondeu Greville, acenando com a cabeça em direção ao chão.

Então ele se voltou para Clódio. "E quanto à *Mulher-Espectro da Pedra*, com seus olhos negros e investida pecaminosa sobre homens desavisados? Você acredita que ela existe, como afirmam o Abade Vonig e outros — que ela é a *Mãe dos Grotescos*?"

Clódio fez uma careta, como se a linha de questionamento de Greville o tivesse magoado de repente. "Como

Você poderia duvidar dela? Ela não só existe, como se apresenta em carne e osso; fria e pálida, mas tão viva quanto você ou eu. Preste atenção às minhas palavras, Greville: a *Mãe dos Demônios Grotescos* é bem real.

Greville balançou a cabeça; “Não vi nenhum sinal dela em todos os meus muitos anos na Abadia. Nunca sonhei com ela, como outros afirmam.” Ele se virou para Clódio, com a sobrancelha arqueada. “Você a viu?”

Clódio quase se engasgou ao exclamar: “Você nunca questionará minha fé, Greville! Cuidado com o que diz comigo!”

“Oh, não; eu nunca presumi que você... bem, nunca isso”, exclamou Greville. “Eu apenas me perguntei se você por acaso a tinha visto. Perdoe-me.” Clodius revirou os olhos e olhou para as partes mais escuras da catedral — talvez procurando pelo espírito de que se lembrava tão perfeitamente. Greville pigarreou e voltou sua atenção para Bourne, enquanto o Capitão circulava apressadamente o fosso.

Bourne aproximou-se de dois soldados que estavam ajoelhados perto da borda do buraco; uma ponta solta de uma corda de couro enrolada estava entre eles. Ele tocou no ombro de um deles.

“Retire a corda do buraco e faça uma argola na ponta — larga o suficiente para o Cardeal passar o pé quando pedir para ser retirado.” O som crescente de passos chamou a atenção do Capitão para o oratório da catedral, onde seu sargento, Armond, e um grupo de soldados se apressaram em sua direção. Além de um capacete reserva, o sargento carregava um par de bestas prontas para uso em cada mão. Os quatro homens que o seguiam carregavam apenas uma besta. Todos estavam equipados com uma coronha Aljava de couro com virotes presa às suas coxas.

Quando os noventa e oito soldados, que estavam de pé nas amarras do altar, avistaram o Sargento Armond e seu pequeno grupo de homens armados, resmungaram entre si, revirando os olhos em sinal de insatisfação. Todos sabiam o que não fazer — abandonar o posto ou desobedecer ordens seria um ato imperdoável e irreversível. Consequentemente, o tom geral dos soldados mudou, como sempre acontecia quando o Capitão encontrava motivos para exercer maior cautela e aplicar penas mais severas por desobediência.

Clódio aproximou-se de Bourne e o repreendeu: “Capitão, sua lâmina pode ser perdoada; no entanto, esses homens carregam bestas! Esta é a Casa de Deus! Você não pode permitir—” Bourne girou bruscamente e estalou os dedos para Clodius e Greville, que pararam no meio do caminho. “Vocês dois!” Ele apontou para uma parede distante da catedral, para um par de colunas de pedra maciças. “Tomem seus lugares ali, além dessas colunas e encostados na parede, para que não sejam atingidos por uma flecha perdida — por acaso, é claro.” Bourne os encarou com raiva.

Clódio franziu a testa ao considerar a ameaça velada do Capitão. Os dois monges saíram apressadamente, passando pela fileira de colunas e se posicionando sob um grande crucifixo de Jesus esculpido em pedra, que estava pendurado na parede. E lá eles...

Ficou de pé, com os braços cruzados, pensativo.

Bourne se virou para Armond e pegou o capacete reserva. Enquanto ajustava o capacete, sussurrou aos besteiros: “Vocês sabem o que eu espero — sem exceções. Mas, não o mal recai sobre os sacerdotes. E se algum de vocês por acaso ferir o Cardeal e Seus pergaminhos, então eu me encarregarei de que seus pés sejam decepados e dados aos cães.” Bourne olhou nos olhos deles e os arqueiros se remexeram; mas o sargento permaneceu firme. O capitão dirigiu-se a ele enquanto apontava para uma área desimpedida perto da entrada do oratório: “Posicione seus homens precisamente ali.” “Sim, capitão.” Armond estalou os dedos e dirigiu-se aos homens: “Sigam-me.” Bourne observou Armond conduzir os soldados para longe; e num lampejo de sua mente, o Capitão refletiu sobre o jovem e experiente sargento, que parecia se assemelhar a uma versão de si mesmo, outrora ambicioso.

No entanto, os noventa e oito soldados, acorrentados ao altar, viram Armond e seu solitário esquadrão de besteiros sob uma perspectiva bem diferente. Observaram o sargento posicionar sua pequena fileira de joelhos, armas em punho, e apontar diretamente para eles. Eles observavam enquanto ele dava instruções aos seus besteiros, apontando o dedo para cada um dos noventa e oito soldados. Viram-no gesticular na direção de cada uma das três entradas da catedral. Observaram-no enquanto ele contornava a retaguarda de seu esquadrão recém-posicionado e apontava um par de bestas para as costas dos arqueiros ajoelhados, antes de acenar com a cabeça para o Capitão Bourne. Da mesma forma, viram seu Capitão responder ao seu sargento de confiança com um aceno semelhante. Ainda assim, conheciam a rotina; e os noventa e oito homens agora estavam totalmente encorajados a obedecer a cada ordem que lhes fosse dada.

"Está se mexendo!" gritou a voz de Grate de dentro da cratera. Bourne aproximou-se do buraco para inspecioná-lo melhor.

Dentro da cavidade, Blasi aproximou-se de Grate, que segurava o candelabro perto da face gravada da Pedra do Portal. No silêncio sepulcral de um momento prolongado, o frade sussurrou: "Ali." Grate apontou para a superfície vítrea e negra — para o reflexo das altas e imóveis chamas do candelabro que erguia. "Consegue ver a imagem dos reflexos do fogo; como se curvam?" E embora nenhuma brisa o atingisse, Grate estremeceu com um frio repentino que pareceu preencher o espaço vazio da cova. Ele olhou... Ele olhou por cima do ombro e descobriu que as paredes da vala agora brilhavam completamente com gotas de água, que se condensavam repentinamente contra sua superfície suja. “Fique quieto”, ordenou Blasi. Ele passou a ponta dos dedos pela superfície fria da Pedra do Portal; ela permanecia firme, bastante sólida. Mesmo assim, a imagem projetada da luz do candelabro oscilava, como se o reflexo das chamas estivesse passando por uma água ondulante. “De fato, oscila”, murmurou Blasi, inspecionando a superfície com mais cuidado. Então, ele se afastou rapidamente e recuou alguns passos.

da Pedra do Portal. "O que é isto?"

A uma distância segura, Blasi e Grate testemunharam um desenrolar sobrenatural de eventos, à medida que, fileira após fileira, as inscrições gravadas na Pedra Fundamental desapareciam. Da direita para a esquerda e de cima para baixo, linha após linha de símbolos inscritos pareciam se apagar, deixando em seu lugar apenas uma superfície lisa de pedra negra e brilhante. E depois que todas as inscrições desapareceram da vista — quando todas as faces da Pedra Fundamental ficaram lisas como vidro negro —, camadas rastejantes de cristais de gelo iridescentes se espalharam para envolver a estátua agora congelada. O frio persistente no ar transformou-se abruptamente em um frio cortante. Os sacerdotes perceberam uma névoa na respiração um do outro. Subitamente, recuaram até a parede do fosso e observaram as superfícies antes rígidas da Pedra do Portal começarem a se agitar e ondular, inchando e contraindo, como se todo o bloco coberto de gelo respirasse em vários pontos como antes. Um ruído profundo e retumbante acompanhou uma vibração crescente sob suas sandálias, e os dois trocaram brevemente olhares corados e tensos antes de examinarem o chão trêmulo.

Do lado de fora do fosso, encostado na parede oposta da catedral, Frei Clódio estava ao lado de um dos muitos colunas maciças; e com os braços cruzados e um ar altivo, queixou-se secretamente ao Frei Greville. "Na privacidade do gabinete do Abade, o Cardeal escolheu pessoalmente você e eu para auxiliá-lo. Neste exato momento, deveríamos estar naquele "Poço, com Sua Eminência." Clódio balançou a cabeça. "Para falar a verdade, eu deveria estar lá embaixo, no lugar do Frei Grate; sou muito mais versado em pedra do que ele!" Bufou. "No entanto, estamos aqui, encostados na parede, alheios a tudo que acontece de importante, como dois escudeiros insignificantes." Fez uma careta de aparente desgosto. "E aquele Capitão testa minha paciência como ninguém." Clódio suspirou e encostou o ombro na coluna. "Escute-me agora, Greville; se eu não fosse tão atencioso e ponderado—"

Clódio cerrou os dentes e olhou para a coluna na qual se apoiava. Delicadamente, colocou-a sobre ele. Com a mão apoiada na coluna — depois com as duas mãos — depois com a orelha — e com a cabeça encostada nela, ele comentou: "Greville; apoie a mão nesta coluna. Greville?" Clódio olhou por cima do ombro e viu Greville muito mais distante do que imaginava. Greville estava encostado na parede da igreja com uma das mãos levantada, tocando levemente a base do crucifixo fixado na parede.

"Apreste-se!" Clodius acenou para Greville.

Contudo, Greville não se afastou da parede. "Ela se move!" , exclamou, baixando o braço e apontando para a escultura. Clódio deixou a coluna e aproximou-se dele. Greville levou a mão à orelha na direção do crucifixo, gesticulando para que Clódio ouvisse com mais atenção. "Escute como ela treme!" Clódio inclinou-se para a frente, esticou a cabeça e ouviu um leve e rápido ruído da estátua vibrando contra as pedras da parede.

"A coluna também treme", respondeu Clódio, olhando por cima do ombro para a coluna que acabara de deixar. Imediatamente, ambos os sacerdotes examinaram a coluna com um olhar inquisitivo.

chão.

Greville falou. "A parede, o pilar, agora o chão, talvez a igreja inteira trema?"

Clódio ergueu o olhar para o afresco no teto . Com a testa franzida, comentou : "Não é bom para o mural."

Clódio examinou a extensa pintura elevada. No centro, bem acima do altar da catedral, os retratos completos de três reis estavam envoltos por um anel de chamas azuladas. Mais além do círculo, circundando-o completamente, havia imagens de anjos guerreiros com espadas, escudos, couraças e capacetes. Como um exército aéreo, esses anjos pareciam defender os três reis de uma reunião de demônios alados, todos com feições grotescas semelhantes às das várias estátuas de pedra que adornavam os terraços superiores do telhado externo da catedral.

Greville sussurrou para Clódio: "Diga-me, por favor; o que acontecerá se ele não for o homem que afirma ser — se, em vez disso, estiver em conluio com o Mal?"

Clódio fez uma careta e virou-se lentamente. "E a quem você se refere?"

"O Cardeal", exclamou Greville. "E se ele pretender algo mais do que invocar espíritos contra os ingleses? E se ele for o próprio Diabo — e tiver vindo à Abadia apenas para abrir a pedra?"

Clódio recuou. "Você perdeu o juízo? Está falando heresia! Em nome de Deus, ele é um cardeal de Avignon!"

Greville prosseguiu: "E eu sou um frade do Conselho Inferior, mas não estou familiarizado com as passagens que ele recitou. Você consegue se lembrar delas?"

Clódio inclinou-se para frente, encarando Greville , e o repreendeu: "Ele não é apenas um frade conciliar, mas um *cardeal conciliar* — com as traduções completas da pedra em suas próprias mãos!" Não seria ele muito *mais* versado do que qualquer um de nós, no que diz respeito à Pedra do Portal?"

"Mesmo assim", insistiu Greville, "você conhece alguma das passagens que ele recitou?"

Clódio agarrou-lhe o braço e rosnou-lhe ao ouvido a causa da vibração no chão da catedral: era o resultado de cavalos galopando do lado de fora da igreja. Então, soltou Greville e o ameaçou: "Não teste minha paciência! Não tolerarei mais suas acusações heréticas a respeito de nosso novo Abade. Agora, recupere o juízo ou você nos custará a ambos nossos lugares de direito como supervisores das catacumbas!"

Greville dispensou Clodius com um suspiro petulante antes de desviar o olhar. O frade repreendido cruzou os braços e lançou um olhar fulminante para os soldados junto às amarras do altar, que agora fitavam o chão trêmulo. Alguns cochichavam, visivelmente preocupados, e todas as fileiras oscilavam ligeiramente, com os soldados inquietos.

Bourne estava de pé com três soldados perto da borda da vala e lançou um olhar severo sobre suas fileiras nervosas antes de gritar para eles: "Calem-se! Silenciem suas línguas, ou o

“ O próximo homem fará uma bela paixão ao meu poste de açoite!” Ele se virou. “Armond, esteja pronto; armas em punho!” Ele se virou novamente. “Todos vocês devem manter a atenção em mim — não uns nos outros; não no chão; não nos sacerdotes — somente em mim!” Quase uma centena de soldados congelou, como estátuas imóveis, os olhos fixos no Capitão. O único movimento perceptível, naquele momento, ocorreu diretamente abaixo das botas de Bourne, no chão da vala.

Dentro do buraco, o Cardeal Blasi recuou até a parede e tateou em busca de uma corda pendurada, mas encontrou apenas uma superfície escorregadia e fria, agora coberta de condensação. Frei Grate passou o candelabro sobre o brilho reluzente da parede enquanto procurava a corda. Instantaneamente, as chamas do seu candelabro afastaram-se da parede e na direção da Pedra do Portal. Grate ergueu a cabeça, examinou as bordas superiores do buraco e descobriu que, assim como a luz que ele segurava, todas as chamas das velas dos candelabros de chão ao redor também se inclinavam em direção ao centro da vala. "Capitão! A amarra!" Blasi gritou, limpando um punhado de sujeira preta em sua túnica e resmungando baixinho. Então, lançou um rápido olhar por cima do ombro para a Pedra do Portal saliente. "Agora, se você permitir!" Um soldado rapidamente baixou a corda enquanto Bourne instruíu Blasi: "Deslize o pé para dentro da alça da corda." Blasi agarrou a corda, quando—

“Phsss!” O som repentino de uma rajada de ar ensurdecadora provocou um sibilo implacável que lembrava a erupção de um vulcão. Os dois sacerdotes se atiraram ao chão. contra a parede. O candelabro de Grate atingiu o chão da mina e sua chama se apagou. Blasi perdeu as Traduções de Naramsin; a pilha de páginas se espalhou. De repente, ele rastejou pelo chão, mesmo de quatro, para recuperar as páginas caídas; contudo, mantendo um olhar cauteloso sobre a Pedra do Portal e o buraco em seu centro, que agora se preenchia sozinho. com uma névoa negra e turbulenta. A escuridão agitada ondulava e fumegava antes de se espalhar para fora da Pedra do Portal como uma nuvem densa. Blasi agarrou a última página solta e se lançou para a parede quando a densa névoa se arrastou pelo chão da vala e ocultou seus pés com sua escuridão absoluta. Parecia que todo o chão da vala havia desaparecido, completamente consumido pelas sombras mais negras.

Blasi agarrou a corda enquanto placas de gelo, escuras de fuligem, deslizavam pela parede. Ele levantou Ele calçou a sandália e lutou com a alça na ponta da corda, procurando freneticamente um ponto de apoio. A névoa negra subiu até a altura de seus quadris. "Puxe—meu Deus! Me tire daqui!" Ele enfiou as páginas de Naramsin entre os dentes e agarrou a corda. Grate gritou enquanto caminhava a passos largos pela nuvem cáustica. "Está queimando! É fogo!" A voz de Bourne ordenou de cima: "Vocês dois, puxem a corda! Você, busque outra! Movam-se!"

“Agora!” Blasi gritou entre dentes cerrados. Os soldados começaram a içá-lo para fora do buraco, mesmo enquanto bolhas de sangue surgiam em suas pernas. Grate saltou sobre Blasi e o

Um puxão repentino de peso adicional fez com que um dos dois soldados caísse de cabeça no fosso, atravessando a névoa com um baque repugnante. O soldado restante gritou quando a corda que se soltou rapidamente queimou o interior de suas mãos. Juntos, os sacerdotes deslizaram de volta para a nuvem que lhe chegava à cintura.

"Maldito seja você, Cardeal!" gritou Bourne enquanto agarrava a corda para substituir seu soldado caído. Ele convocou mais seis homens. "Nesta corda! Agora!" Os pés se mobilizaram. e a corda apertou no mesmo instante em que Blasi empurrou Grate para longe dele. O padre cambaleou para trás e desapareceu sob a névoa densa. Sozinho, preso pela corda, Blasi deslizou pela parede do fosso. Soldados o puxaram para um local seguro enquanto lançavam uma segunda corda no buraco. Blasi rolou de costas e agarrou as coxas. Manchas escuras penetravam as partes amassadas de suas roupas. Ele se enrijeceu de dor e ofegou, com as páginas ainda presas em seus dentes cerrados. Um soldado ajoelhou-se sobre ele e alcançou a barra de sua batina.

" Não me toque!" gritou Blasi, fazendo uma careta.

Clódio gritou de longe: "O que há de errado com você, capitão? Tire Frei Grate daí ! Ele vai morrer!"

Bourne girou e gritou para Armond: " Se \_\_\_\_\_ , Ao apontar para Clódio, ele disse: "Se aquele homem ele se mexer ou falar, solte-o!"

Ainda dentro do fosso, Grate se levantou às pressas. Cambaleou, tateando, tossindo e cego pela névoa corrosiva que agora subia uniformemente até seu peito. Bourne berrou: "Seus incompetentes! Ele não consegue ver! Aproximem essa corda ... deem para mim!" Arrancou a corda das mãos de seus soldados, contornou a lateral do fosso e a jogou no buraco enquanto gritava para Grate: "Por aqui; isso: caminhem até a corda; isso; continuem vindo; estou aqui!"

Grate encontrou a corda e se amarrou a ela, ainda sufocando com a névoa ardente.

"Puxem!" gritou Bourne para a fila de homens atrás dele. Todos eles se inclinaram para trás, apoiando-se no pescoço.

Com a corda, Grate deslizou pela parede do fosso. Quando ainda estava na metade do caminho para a segurança, a pele de Grate se desprende de seus braços, grudando na parede do fosso como um lenço de papel molhado. Pedacos de carne rolaram de suas mãos cerradas.

Com os punhos cerrados, ele deslizou pela corda, caindo de volta na névoa. Bourne viu a ponta da corda, sem laço, e gritou: "Tragam-me a outra corda!"

Mais uma vez, Grate saltou de pé, com apenas o queixo acima da névoa. Contudo, tal como a pele dos seus braços, agora desaparecida, a carne das suas orelhas também tinha desaparecido — completamente dissolvida . Agora surdo e cego, correu freneticamente em volta do fosso, os braços a percorrer as paredes à procura de uma corda. Caiu. Levantou-se novamente. Bourne preparou-se para lançar a outra corda, mas parou. Não chamou o padre; não podia. Nem sequer reconheceu o globo vermelho em movimento como a cabeça de um homem . No entanto, Grate gritou de terror, o tom da sua voz agora terrivelmente alterado pela névoa acre. E se alguma vez houve uma sucessão de gritos que pudesse ficar gravada na memória até dos soldados mais experientes...

Do seu ponto de vista privilegiado, os noventa e dois soldados nas amarras do altar não conseguiam ver o terrível acontecimento que se desenrolava no chão da vala; só lhes restava ouvir os apelos angustiantes do sacerdote desesperado, cujos gritos eram os de um homem queimado vivo. Os olhos dos soldados lacrimejaram; os corações dispararam; a respiração acelerou. Mesmo assim, permaneceram firmes, aguardando qualquer ordem que lhes fosse dada.

Os últimos gritos de Grate se dissiparam, restando pouco mais que gorgolejos, antes que a névoa densa finalmente o engolisse. Bourne marchou rapidamente até Blasi, que agora jazia deitado. Deitado de lado, contorcendo-se de dor enquanto folheava as páginas, buscando ordem nos versos. Bourne curvou-se e rosou para ele: "Um homem simplesmente derreteu como uma vela ali dentro." "Maldito seja lá o que você tenha invocado!" Bourne inclinou-se para mais perto de Blasi. "É esse o seu abençoado exército de Fantasmas — uma névoa negra? Escute bem, Cardeal; perdi um homem pelas suas mãos e não perderei outro! Levante-se daqui e conserte o que fez ou mandarei meus homens cobrirem o buraco com a laje." Ele se virou para os seis homens que havia chamado das amarras e ordenou que retornassem às suas posições anteriores.

"Você não pode fazer isso!" protestou Blasi, ofegante. "Preciso recitar as passagens corretas para fechar a pedra. Mas não podemos fechá-la até que os Espíritos surjam e eu os invoque contra os ingleses em Crécy!"

"Então façam isso agora! Recitem os versículos! Enviem-nos e eu colocarei a laje sobre eles!"

"Não há espíritos para invocar. Dê- lhes — dê- lhes mais tempo. A névoa não são eles!"

"Como você pode ter certeza? Você já viu algum espírito?"

"Não! No entanto, já vi muitas névoas!"

"Já vi e ouvi o suficiente!" gritou Bourne. "Pretendo fechar o púlpito — com ou sem versos!"

"Escuta-me, Bourne", Blasi gritou de dor. "Puxar a laje sobre o buraco não fechará a pedra. Mesmo que você cubra a pedra, por baixo da laje, ela permanecerá aberta. Somente os versículos corretos a fecharão!"

"Ou você encontra esses seus versículos, ou *eu* me tornarei o versículo que fecha essa maldita lápide!"

"NÃO DEVE! NÃO PODE apressar a pedra — nem a mim! Pelo amor de Deus, Capitão, olhe para mim! Mal consigo respirar, de tanta dor!" Ele voltou-se para as páginas, folheando-as com os dedos trêmulos enquanto as lia. "Só mais um instante, eu imploro — a você", gemeu, lágrimas escorrendo pelo rosto e quase enlouquecendo com a queimação nas pernas.

"Não tenho um instante, Cardeal! Essa névoa está subindo agora mesmo! Quando ela sair pelo buraco, terei perdido a chance de fechar a laje. Meus homens estão posicionados e o momento é meu. Agora, ou você—"

"*Uau!*" Bourne virou-se na direção de uma rajada repentina de ar que veio do fosso.

“Mantenham suas posições!”, gritou ele para seus homens. O capitão inspecionou o buraco mal iluminado. Com todas as chamas dos candelabros de chão ao redor agora extintas, uma brisa gélida emanava da cavidade. No capitel do altar, tapeçarias tremulavam ao sabor do vento persistente.

“Não! Peguem-nos!” Blasi gritou, tateando em busca de páginas espalhadas pelo chão. No entanto, vários papéis caíram levados por uma corrente de ar, sendo sugados para dentro do buraco. Ele se sentou, pressionando uma pilha desgrenhada de páginas contra o peito. “Capitão, como o senhor espera que eu... este vento... eu não consigo controlar...” Bourne o interrompeu, gritando por cima do ombro: “Se você falhar, eu o colocarei em outro lugar.” Você está sob custódia — e retornará comigo a Paris e contará a Sua Majestade, o Rei, sobre esta abominação que a Igreja manteve em segredo.” Blasi gemeu ao se levantar cambaleando. Ele se afastou do buraco, fazendo uma careta enquanto carregava as páginas para longe da toca ventosa.

Bourne gritou enquanto se aproximava do fosso: “Guardas nas portas; vocês serão meus portadores de tochas! Abandonem seus postos e tragam reforços do pátio — sete homens armados para proteger a parte externa de cada uma das portas que vocês agora guardam. Informem-nos que qualquer homem que tentar entrar na igreja será abatido! Agora, vão embora!” Imediatamente, os guardas se dispersaram e três portas da catedral se fecharam com força. Bourne olhou por cima do ombro. “Armond, fique de olho em tudo que se move!” Ele se virou. “Homens nas cordas; estejam prontos para puxar em uníssono — ao meu sinal.” Então, com a adaga quebrada em punho, Bourne aproximou-se cuidadosamente do buraco.

Do outro lado da catedral, Greville enxugou as lágrimas do rosto, respirou fundo, ergueu os olhos do chão e se virou para Clódio, questionando-o com raiva: “Agora que Frei Grate está morto, você acredita que o chão ainda treme com os cavalos galopando do lado de fora da igreja?”

Clodius estreitou os olhos para ele antes de cruzar os braços, apoiando o ombro na coluna. “Cuidado com a língua, Greville. A menos que eu levasse um tiro pelas costas, não havia nada que eu pudesse fazer para salvar Grate. E por que você não fez nada?” Clodius balançou a cabeça negativamente. ele ergueu a cabeça e continuou: “Além disso, nunca insistimos que ele descesse naquele buraco. A escolha foi dele, somente dele — e ele a fez apenas numa tentativa de ganhar a simpatia do Cardeal. Agora, controle esse seu choro e fale mais baixo, para que não acabemos sendo fuzilados!” Clódio tossiu e voltou sua atenção para a vala. Um momento de silêncio se seguiu entre eles.

Por fim, Greville sussurrou: “Algo está acontecendo dentro do fosso. Todas as chamas dos candelabros se apagaram. E sinto uma brisa constante.” Ele olhou diretamente para Clódio. “Deveríamos sair da igreja enquanto os guardas não estão nas portas e o Capitão está de costas para nós.” “Veja ali?” Clódio apontou discretamente para o outro lado da catedral enquanto tossia novamente. “Não chegaremos nem às portas.”

Greville olhou por cima do ombro de Clodius e viu Armond encarando-os fixamente. Greville sussurrou para Clódio: "Mas ele não ficará nos observando indefinidamente. Talvez devêssemos nos sentar no chão e ele pudesse se afastar?"

Clódio sucumbiu ainda mais à tosse persistente. Pelo canto do olho, Greville observou a fachada desocupada da igreja. Revirando os olhos, procurou uma rota de fuga conveniente, percorrendo toda a extensão da parede externa. Além dela, notou a cruz de pedra na parede, sobre a qual pendia a escultura de um Jesus crucificado — a estátua pendurada balançava como um pêndulo de movimento lento. Greville afastou-se para examiná-lo mais de perto antes de exclamar: "Veja como se mexe?" Apontando para o crucifixo oscilante, ele olhou para Clódio, que ainda acenava com a mão diante do rosto e tossia. Só então, sob um novo ângulo de luz, Greville o viu. Uma fina camada de poeira se depositou sobre Clódio, vinda de cima das bordas superiores da coluna. Imediatamente, ambos os sacerdotes olharam para cima, procurando a origem da poeira. "É argamassa solta", afirmou Clódio. Ele se afastou da coluna, pigarreou e examinou o teto alto antes de olhar para Greville, que estava parado, aterrorizado, com a mão sobre a boca, os olhos arregalados e encarando o mural no teto.

Clódio seguiu seu olhar e, no ponto mais alto do teto, viu os três reis pintados, que pareciam ter virado a cabeça, olhando para baixo, diretamente para os dois.

"Não pode ser", murmurou Clódio, levando a mão à testa. "É apenas um mural. A iluminação, ou talvez a poeira, dá a impressão de que se move." Os dois sacerdotes recuaram para além da fileira de colunas, em direção à parede da igreja. Greville sussurrou: "Meu Deus, o que fizemos... estragar?"

Três portas da catedral se abriram e se fecharam com força. Bourne ajoelhou-se ao lado da vala, observando suas profundezas escuras, quando seis soldados com doze tochas o cercaram. Sob a luz dançante das tochas, seus cabelos e roupas esvoaçavam numa brisa constante; e com o buraco agora iluminado, Bourne saltou de pé. "Recuem!" gritou ele, acenando para seus homens enquanto recuava alguns passos antes de parar a uma distância segura para observar a surpreendente nova forma da Pedra do Portal, que agora dominava o espaço do buraco.

Na luz trêmula das tochas e na brisa gélida, a névoa se formava na respiração dos soldados. Bourne examinou uma coluna turbulenta, que parecia um pequeno tornado estacionário, erguido no lugar da Pedra do Portal, centralizando o fundo da trincheira, apenas um pouco mais alto do que o nível do piso da catedral. O topo da coluna negra e giratória era tão largo quanto sua base; e embora seu centro parecesse oco, o vazio visível era escuro demais para se ver o interior. No entanto, perto da borda mais iluminada do fosso, Bourne notou que a névoa escura, que antes ameaçava transbordar as bordas do buraco, agora começava a recuar à medida que afundava contra as paredes do fosso, mais fundo no buraco, como se fosse gradualmente puxada pelo redemoinho. E na névoa que se dissipava, o fundo do fosso tornou-se visível, revelando as silhuetas espalhadas e sem vida de um padre e um soldado. Bourne

Convocou seus portadores de tochas. Ao vento crescente, brasas incandescentes brotaram das chamas das tochas. Bourne manteve seu punhal desembainhado e pronto para atacar enquanto se aproximava cautelosamente da vala.

Eles pararam perto da borda do buraco escuro. Um soldado ergueu sua tocha e apontou para... para baixo. "Capitão, eles ainda estão vivos!" Bourne observou as figuras sombrias rolares de costas. Juntas, as duas silhuetas pareciam se revezar, rolando em direção à base do redemoinho, movendo-se mais rapidamente à medida que se aproximavam. O Capitão estava prestes a pedir amarras quando percebeu que eles não se moviam sozinhos. Os cadáveres deslizaram pelo chão e o redemoinho os engoliu.

Instantaneamente, sons graves ressoaram em meio ao zumbido constante do redemoinho — pancadas surdas, como grandes torrões de lama, batendo repetidamente uns contra os outros. Bourne recuou. Ele encarou a parede mais próxima do vórtice, enquanto formas negras e irregulares emergiam, envolvendo sua borda externa, parecendo perseguir umas às outras através da coluna giratória. As bordas lisas do redemoinho negro deram lugar a uma superfície irregular de formas escuras e irregulares. Então, um único pedaço se soltou, ainda preso ao redemoinho. Girando e girando, a parte saliente circulou ao lado da coluna, solta e totalmente estendida. Naquele momento, através do leve borrão de um movimento giratório, Bourne reconheceu a coisa voadora como um braço mole e oscilante, e só então descobriu que toda a coluna havia se transformado em coleção de partes do corpo enegrecidas e giratórias.

Bourne deixou cair seu punhal; ele bateu com força no chão. Ele ergueu as mãos em aparente derrota e dirigiu-se a um soldado próximo com uma expressão forçada de contentamento: "Sua Majestade, o Rei, garantiu-me que eu poderia desfrutar da minha estadia na companhia de bons frades em uma abadia pacífica — muita comida, o abençoado vinho da abadia — talvez uma caçada ao javali e um assado para as fileiras —" Bourne agarrou o colete do soldado, com os olhos faiscando, e apontou o dedo para a coluna giratória. "O que — em nome de Deus — é *aquilo*?" Bourne empurrou o soldado sem palavras para o lado, afastou-se e começou a andar apressadamente em círculos, segurando o cabelo para trás enquanto examinava os cantos mais distantes da catedral. "Chega disso! Cardeal? Armond, onde está o Cardeal?"

Do outro lado da igreja, o Sargento Armond enxugou uma lágrima no braço. Em voz baixa, praguejou contra a fina camada de poeira que descia lentamente do alto, depositando-se sobre ele e seu pequeno grupo de besteiros. "Não vejo o Cardeal, Capitão", gritou Armond, piscando os olhos enquanto reposicionava suas duas bestas nas costas de seus homens.

*Crash!* Uma grande pedra caiu do teto, estilhaçando-se no chão, a poucos metros do pelotão. Dois dos besteiros saltaram de pé.

Armond avançou bruscamente. "Não me forcem a agir", rosnou, pressionando uma besta contra a nuca deles. "Tomem suas posições." Os homens voltaram a se ajoelhar.

Apontando suas armas para os soldados presos às cordas, Armond recuou, com ambos os arcos apontados para eles. Contudo, seus olhos estavam em outro lugar — nos dois frades do outro lado da catedral — para não perder de vista outro sacerdote e decepcionar ainda mais seu capitão.

Clódio e Greville se remexeram nervosamente enquanto olhavam na direção das portas da igreja. Imediatamente, se viraram e viram Armond instruindo um de seus besteiros, e o soldado ajoelhado brandiu sua arma em direção aos frades.

"Ele vai atirar em nós!" exclamou Greville, agarrando Clodius firmemente pela túnica.

Clódio o repreendeu: "Talvez ele faça isso... por sua causa!" Empurrou Greville para longe. "Já que você não consegue se controlar, agora uma besta está apontada para nós dois." Bufou, erguendo o nariz para o teto em visível desdém.

Greville reclamou: "Não estamos seguros aqui! As pedras do arco estão caindo—"

"Mãe de Jesus", murmurou Clodius de repente, olhando boquiaberto para o teto. "Não pode ser verdade."

Bem acima do altar, invisíveis para todos, exceto os dois sacerdotes, os três reis do mural pareciam ganhar vida, sacudindo a cabeça, com os rostos contorcidos em expressões de extrema agonia. Contudo, as imagens em movimento congelaram subitamente, fixas, com as bocas abertas e os olhos arregalados, encarando agora Clódio e Greville. E naquele instante, seus rostos congelados começaram a crepitar e a queimar, liberando uma nuvem de fumaça que se dissipava e uma chuva de lascas de tinta carbonizada que fluíam em direção ao chão como neve negra. Só então os soldados ergueram os olhos, procurando a origem da cinza que se depositava sobre eles.

Clódio tossiu e acenou com a mão diante do rosto, tentando dissipar uma fina névoa de poeira que caía. Em seguida, procurou a causa de estalos agudos, como os de rochas superaquecidas se fraturando em água fria, e encontrou rachaduras irradiando por toda a face da enorme coluna que se erguia ao seu lado. Afastou-se da coluna, inspecionando-a à distância, observando uma chuva de poeira que espiralava ao redor de sua superfície curva. Subitamente, as fendas se alargaram e grandes pedaços de pedra se desprenderam da coluna, caindo todos juntos no chão com um estrondo ensurdecedor que chamou a atenção de todos na catedral. À medida que pedaços da coluna se desprendiam em meio à poeira e aos detritos que caíam, Clódio percebeu que o desmoronamento da coluna não era aleatório, pois uma seção exposta de uma rocha mais profunda, Uma pedra intacta aparecia como a superfície lisa da lateral de uma gigantesca perna esculpida em pedra.

Enquanto pedras caíam como chuva, o monge percebeu que uma estátua imponente estava gradualmente se revelando sob os fragmentos de rocha. A figura colossal era a de Um gigante vestido com armadura, empunhando uma longa espada. Sua outra mão estava pressionada sob um bloco de pedra que sustentava o teto da catedral. Com uma saia de placas de armadura finamente sobrepostas, ele estava em trajes de batalha espartanos que lembravam os de um antigo guerreiro romano.

Placas curvas cobriam a parte inferior das pernas e a parte superior dos braços, e seu capacete era totalmente redondo em todos os lados, com a parte mais alta convergindo para cima em uma ponta romba. Entre seus lábios largos, havia pontas afiadas de fileiras de dentes serrilhados, e um único olho ciclópico centralizava sua testa.

Greville passou apressadamente pela fileira de pilares e parou encolhido contra a parede externa da catedral. Ele desviou o olhar da imponente estátua do Ciclope e olhou para um movimento peculiar que percebeu com o canto do olho. Ali, contra a parede, bem ao lado e um pouco acima dele, pendia o crucifixo esculpido, com sua imagem pétreo de Jesus — era comovente. Greville fitava a estatueta semelhante a Jesus; seu peito subia e descia rapidamente, como se lutasse para respirar. O monge gemeu baixinho e recuou pela parede. Dominado pela emoção, encolheu-se em posição fetal, apenas para chorar e rezar para que pudesse despertar do que lhe parecia um terrível pesadelo — para se encontrar subitamente na tranquilidade de seu quarto no dormitório. Clódio gritou para Bourne enquanto apontava para a nova estátua do Ciclope: “Veja, Capitão! Pelo amor de Deus, você enlouqueceu? Seus soldados não se importam! Precisamos ir embora agora!”

Contudo, Bourne estava de costas para Clódio. O capitão gritou ordens para um soldado junto às amarras do altar, que havia soltado a corda e saído da formação. “Não abandone seu posto! Volte para a amarra, agora!” Em vez disso, o soldado fugiu, correndo em direção à porta da catedral. Rapidamente, o capitão se virou e gritou: “Armond!”

Subitamente, as bestas dispararam, as flechas voaram e o homem cambaleou até cair no chão com várias flechas cravadas em suas costas. Ele se contorceu, engasgou e morreu. Só então, Bourne se dirigiu a Clódio, apontando o dedo para ele: “Silêncio, sacerdote; *SILÊNCIO !*”

Bourne virou-se e ajeitou os cabelos esvoaçantes, prendendo-os atrás das orelhas. Marchou em direção aos seus portadores de tochas : “Aproximem-se do buraco comigo! Protejam as chamas do vento! Reúnam-se e mantenham as tochas acesas; cada chama acendendo a próxima!” Ele se aproximou da borda do fosso. Na tênue iluminação das chamas das tochas inclinadas, viu rachaduras se formando nas paredes do fosso, subindo e ultrapassando a borda superior do perímetro da cavidade . Mesmo assim, as fraturas irradiavam da Pedra do Portal, através do piso superior da catedral, chegando até mesmo a se espalhar sob suas botas. Bourne recuou. No poço, o funil giratório gemia; o som ficava cada vez mais alto à medida que parecia ganhar velocidade. Em meio ao seu gemido, subiam os tons crescentes de muitos gritos, que, juntos, assemelhavam-se a uma enorme reunião de sofrimento insondável — como se fosse um coro estrondoso de mil almas torturadas.

Bourne gritou: "Onde está o Cardeal?" No entanto, seu olhar permanecia fixo na monstruosidade negra e giratória de partes de corpos comprimidos que agora se apresentava diante dele. Então, ele ordenou: seus portadores de tochas, gritando por cima do barulho enquanto ele empurrava os soldados para longe da vala, “Caíam!”

Recuem! Todos, exceto vocês três — mantenham suas luzes acesas. Vocês dois, quero mais tochas nesta igreja! Cuidem disso! E você, tome seu lugar nas amarras!" Ele gritou para Armond. "Esteja pronto!" Então, bradou para todos os seus homens enquanto circulava atrás deles: "Ao meu sinal; fecharemos a laje! Alinhem-se uniformemente como antes! Mantenham o mesmo ritmo. E se eu vir um de vocês levantar a cabeça contra mim—" Mas o Capitão fechou a boca, virou-se lentamente na direção do fosso e fitou uma forma lisa e carmesim que se erguia lentamente do centro da coluna espiralada de carne escura.

~\*~

Do outro lado da catedral, Clódio abandonou Greville e fugiu em direção às portas da igreja quando uma flecha de besta atingiu a parede de pedra. Faíscas explodiram, a um braço de distância. O rosto de Clódio o convenceu abruptamente a recuar e reconsiderar sua fuga. Ele recuou até Greville, que ainda jazia encolhido no chão. De longe, avistou o arqueiro recarregando e apontando sua arma para ele. Clódio aproximou-se de Greville, mantendo agora um olhar cauteloso sobre a gigantesca estátua do Ciclope, com a cabeça voltada para baixo, parecendo estudar o sacerdote com seu único olho de pedra, que não pisou. Clódio consolou Greville com um tapinha no ombro. "Acalme-se. Você precisa ser forte para que eu possa ajudá-lo a escapar."

Greville sentou-se e enxugou os olhos. "Sim, vamos embora daqui. Eu queria, eu... sim, nós vamos embora." Os olhos vidrados de Greville percorreram o ambiente, parecendo procurar algo em algum lugar da igreja, sem conseguir encontrar. No entanto, seus olhos pareciam estar descobrindo tudo ao mesmo tempo, só que sob uma luz muito diferente. Ele murmurou: "Estou cansado. Devo voltar para o dormitório e descansar antes das vésperas da manhã."

"De fato." Clódio concordou com a sugestão absurda de Greville, para não assustar ainda mais o frade com novas noções sobre suas terríveis circunstâncias. "E você deveria."

"É hora de partir; para que vocês encontrem paz e descanso—antes das vésperas da manhã."

Greville ergueu os olhos para Clodius, mas sua atenção desviou-se para o teto distante, por cima do ombro dele. Seu olhar vago permanecia fixo nas imagens giratórias do extenso afresco. Ele viu demônios alados matando anjos. Viu demônios voadores penetrarem um círculo de chamas azuis, com suas espadas erguidas, decapitando três reis sem rosto. Atordoado, Greville sorriu fracamente e assentiu, como se aceitasse os acontecimentos horríveis projetados no teto.

Clódio deu um tapa em Greville. "Olhe para mim! Vamos embora agora! Quando eu achar que o momento é oportuno, espero que você se apresse em direção às portas da catedral. Não diminua o passo nem pare! Continue. Seu olhar não se fixa em nada além das portas; eu estarei logo atrás de você. Você me entende?"

"Sim, devo ter caído — mas estou de pé. Vamos embora agora?" perguntou Greville, estendendo a mão para que Clodius o ajudasse a se levantar. Um estrondo alto veio de trás, e eles se viraram ao mesmo tempo para descobrir que o grande crucifixo de pedra havia caído da parede. Os restos dele jaziam espalhados pelo chão como um monte de cacos.

fragmentos. No entanto, de todos os fragmentos espalhados, nenhum representava uma parte reconhecível do antiga escultura de Jesus, já que cada pedaço quebrado pertencia apenas àquela que um dia fora a cruz de pedra esculpida. Com as mãos entrelaçadas, Clódio começou a ajudar Greville a se levantar, quando—

“*Sibilo!*” De trás de Clódio — um som agudo e seco, como o de um gato irritado. Clódio girou no mesmo instante em que Greville recuou bruscamente, e ambos os monges caíram no chão. Ficaram imóveis, de olhos arregalados e atônitos, com suas vestes esvoaçando ao vento da catedral. Eles encararam a face daquilo que qualquer homem santo poderia considerar uma abominação indizível. Diante deles estava a estatueta de pedra, que antes estava fixada à cruz esculpida. Agora, ela estava solta, e talvez da altura de um cachorro pequeno. Seu corpo assemelhava-se à de um chacal. No entanto, além dos dentes afiados como agulhas, sua cabeça permaneceu inalterada e em consonância com a semelhança anterior da escultura de Jesus, completa com coroa de espinhos. E, diferentemente de suas patas dianteiras, que permaneciam afastadas, eretas e desobstruídas, suas patas traseiras estavam estendidas para trás contra o chão, ambas parecendo estar pregadas uma à outra e presas a um grande fragmento da antiga cruz de pedra. A estátua grotesca rastejou em direção a eles, arrastando a parte traseira torcida para trás e o pedaço de rocha ainda preso. Clódio e Greville se afastaram às pressas da figura de pedra que se aproximava.

“*Roar!*” Uma voz estrondosa vinda do Ciclope imponente ecoou pelo interior da catedral, abafando momentaneamente todos os outros sons. Clódio viu o gigante encarando-o com seu único olho enorme. A estátua soltou a mão do teto, ergueu uma espada gigantesca com a outra e começou a descer do topo da base da coluna, quando ambos os sacerdotes saltaram de pé e correram para a parede. O gigante pétreo bateu com o pé calçado com sandálias no chão da igreja, abrindo rachaduras nas lajes, que se espalharam a partir do calcanhar. Pedras do telhado e poeira caíram sobre a estátua em movimento.

Subitamente, a seção sem sustentação do telhado da catedral desabou e, no caos estrondoso, uma enorme coluna de escombros caiu sobre o gigante.

O Ciclope se despedaçou sob a força repentina e tudo desmoronou no chão em uma avalanche de areia e pedra. Uma enorme nuvem de poeira rolou pelo chão enquanto o vento a levantava, dispersando-a por toda parte e obscurecendo completamente a visão da igreja. No chão, a figura pétreo de chacal se movia rapidamente, arrastando o pedaço quebrado da cruz atrás de si. Ela correu em direção ao centro da catedral e mergulhou na vala parcialmente fechada. Como uma praga purulenta, o inferno devorou a catedral, sem poupar nenhum ícone sagrado. E aquele momento enigmático se transformou em um pesadelo cada vez pior.

“*Força!*” gritou o Capitão Bourne. Os soldados puxavam e as cordas esticavam enquanto a laje do altar deslizava para a frente, rangendo contra o chão fraturado. No vento uivante e na poeira que se levantava, os homens permaneciam quase surdos e cegos. Com um terço da vala coberto sob uma laje que avançava lentamente, fendas cada vez maiores no chão sibilavam com

expelindo névoas de nevoeiro congelante. Um homem gritou com o que pareceu apenas um meio grito. Imediatamente, Bourne avistou um lugar vazio nas fileiras — e uma grande fenda no chão que jorrou uma coluna de névoa e cristais de gelo. Ele avançou rapidamente por entre as fileiras, e saltou sobre as fendas que se abriam nas lajes. Contudo, era tarde demais; não conseguiu sequer localizar seu soldado na profunda fenda que parecia descer até as profundezas do inferno. Gritou para o resto dos homens ociosos, que agora empunhavam pares de tochas sem chama: “Formem um círculo atrás da formação imediatamente! Se um de nós cair, ocupem essa posição imediatamente!” Virou-se para a parede oposta. “Armond, esteja pronto para assumir o comando!” Enquanto os homens largavam as tochas e se afastavam às pressas do fosso, Bourne se posicionou sobre a fenda no chão. Amarrou-se à corda, no lugar do soldado caído, e advertiu todos os soldados presos às cordas: “Puxamos como um só e morremos como um só!”

“*Içar!*” gritou Bourne. Nós dos dedos azulados agarravam as cordas. Homens trêmulos sibilavam e gemiam. Novamente, o altar avançou lentamente. Granizo de gelo foi lançado da coluna giratória, atingindo cada soldado. Os homens estavam molhados e sujos de poeira, alguns fazendo caretas. Por baixo de barbas gélidas, todos exibiam a mesma expressão de medo e desespero, como se podia ver apenas no calor de uma batalha feroz.

“*Arf!*” Através da nuvem de poeira que se dissipava rapidamente e que outrora envolvia toda a catedral, o Capitão manteve os olhos fixos nos restos mortais cada vez mais visíveis de um Frei Grate reluzente, que continuava a expelir uma sucessão de Aparições luminosas de sua garganta. Uma após a outra, elas saíam voando da boca do cadáver, cada uma escapando mais rapidamente que a anterior — até que a garganta do cadáver se abriu e arrotou com tamanha intensidade que se partiu longitudinalmente. De repente, toda a cabeça e o pescoço do monge se abriram, rente aos ombros e em todas as direções, como uma flor carnosa de maturação rápida. Do torso sem cabeça que restou, uma coluna brilhante de Espíritos jorrava, gritando e pulsando para cima. As regiões mais altas da catedral fervilhavam com formas translúcidas e brilhantes. Por toda parte, Aparições desapareciam e reapareciam do teto, das paredes e do chão — toda a catedral cintilava com um brilho sobrenatural.

A laje do altar deslizava em breves solavancos enquanto a pedra maciça rolava sobre o cadáver do Frei Grate, que a obstruía, e a cada movimento da pesada pedra, o torso sem pele se curvava mais para trás até que seu peso tremendo rachou sua espinha. O cadáver virou e dobrou-se bruscamente para o lado. Nesse ângulo horripilante e antinatural, os restos esvoaçantes de sua cabeça se desprenderam, apenas para serem engolidos pela coluna negra e rugidora abaixo. Abruptamente, o êxodo dos Espíritos da garganta cessou, mas o orifício dilatado do pescoço continuou com um gemidos guturais — em sintonia com cada golpe da laje do altar. No entanto, os restos retorcidos finalmente desapareceram sob a pedra deslizante. Por fim, num instante que Embora parecesse eterno, o rugido ensurdecido começou a diminuir; os ventos se acalmaram; a poeira baixou e um baque reverberante sacudiu o chão da catedral. Com a laje do altar.

Agora que tudo estava travado, Bourne e seus homens finalmente haviam coberto a vala. Um estrondo baixo continuava a ecoar pelo chão, atestando a coluna giratória de partes de corpos carbonizados que ainda fervilhava sob a laje do altar.

Embora o Cardeal Blasi tivesse conseguido abrir a Pedra do Portal — o suficiente para libertar um exército de Espíritos — ele nunca encontrou a oportunidade de recitar o restante das passagens que poderiam enviá-los contra os ingleses, em Crécy. Assim, a matilha de Espéctros sem rumo simplesmente circulava o teto, sem direção ou comando de ninguém.

organizar.

"Maldito seja você, Cardeal!" A voz de Bourne trovejou pela escuridão persistente, seu eco logo se perdendo em uma trilha de ecos sobrepostos.

~\*~

Do lado de fora da igreja e através dos jardins da Abadia, Odino espreitava por entre os arbustos perenes. Seus joelhos quase cederam a uma onda de náusea enquanto observava quatro soldados carregarem os restos mortais inertes de Ivan para fora da entrada principal do edifício das catacumbas. Levaram o cadáver para o balneário, onde o posicionaram junto à parede externa. Odino conteve as lágrimas, com a mente fixa em Lázaro. Observou os soldados que estavam agrupados no pátio, com a atenção completamente voltada para a igreja. Os homens apontavam para o ar, para Aparições luminosas que emergiam do teto da catedral. As formas amarelas e brilhantes circulavam as torres da igreja enquanto se perseguiam entre as altas fileiras de grotescos de pedra. Em conjunto, formavam um enxame como pombos que disputavam e competiam por lugares para pousar.

Incapazes de localizar Lázaro dentro das catacumbas, os soldados de Bourne retornaram à superfície e saíram para o pátio, apenas para descobrir uma névoa de Espíritos brilhantes que se moviam rapidamente pelos andares superiores da catedral. Hipnotizados pelo espetáculo surreal que se desenrolava diante deles, os guardas se reuniram com seus companheiros de armas, de costas para a fileira de arbustos onde Odino se escondia — o monge viu sua chance.

Odino saiu de trás dos arbustos e esgueirou-se pela entrada lateral do edifício das catacumbas. Correu pelo longo corredor, dobrou uma esquina e encostou o ouvido na porta. A porta de madeira com cintas de ferro da entrada da catacumba. Então, ele abriu a porta com cuidado e a encontrou desprotegida por dentro. Ainda sem ser notado, desceu arrastando os pés pela escadaria mal iluminada e atravessou os corredores rapidamente, virando para um lado e para o outro, descendo fundo na terra por uma passagem contínua que não levava a lugar nenhum, exceto ao Poço.

Ao chegar ao Poço, Odino enfiou uma tocha na cavidade escura e sussurrou: "Lázaro?". Contudo, o cômodo estava vazio, oferecendo apenas o som borbulhante de uma nascente subterrânea que corria por uma vala larga no chão. Odino deu alguns passos.

lá dentro. Ele se arrastou até o outro lado da sala, onde pegou um dos muitos Baldes de madeira que alinhavam a parede. Ele se aproximou da vala e bateu o balde contra o chão de pedra. “Lázaro? Onde você está? Sou Frei Odino.” Então, passou a tocha sobre a vala e procurou debaixo d’água.

Odino bateu o balde no chão. Ele se estilhaçou quando Odino bradou: “Lázaro, vem para fora!” Instantaneamente, a superfície do riacho subterrâneo se rompeu com Lázaro encharcado, que havia se escondido em uma pequena caverna sob o chão — uma bolsa de ar criada por séculos de erosão. Felizmente, apenas cinco pessoas sabiam de sua existência: Lázaro, Odino, dois escudeiros deformados chamados Miguel e Thateus, em quem Lázaro depositava sua confiança, e um monge corpulento de cabelos grisalhos que agora jazia ao lado do rio. casa de banhos, silenciada para sempre.

“O pai é—?”

“Sim. Ivan já faleceu, Lázaro; contudo, ele sempre estará contigo — aqui” , respondeu Odino , tocando o peito de Lázaro. Ele engoliu em seco. “Agora, ouça-me, rapaz; temos pouco tempo. Precisamos partir depressa!” Ele jogou os restos do balde para o lado, segurou a mão estendida de Lázaro e o ergueu da água. Lázaro puxou o

Lázaro deixou a máscara escorrer do cinto de corda e torceu-a para tirar a água quando Odino a tomou dele e a jogou na correnteza. “Não precisa disso. Seu mundo mudou — para um

lado diferente.” Lázaro observou a forte correnteza levar a máscara. E

A máscara facial escorregou por um buraco desgastado na parede, perdida para sempre nas águas escuras sob a terra.

Eles fugiram do Poço e correram pelo túnel sinuoso. À frente deles, o monge corpulento lançou uma tocha flamejante na escuridão que se abria e, atrás deles, um rastro de fumaça pairava contra o teto entalhado, enquanto um fio de água da túnica gotejante de Lázaro escorria para o interior do túnel. Mais adiante, além do ombro do monge , os reflexos nas pupilas dilatadas dos meninos pareciam um par de discos amarelos brilhantes à luz da chama da tocha. Lázaro acelerou o passo, sua túnica molhada chicoteando e estalando enquanto ele se aproximava de Odino. Ele o questionou: “Por que a Pedra do Portal grita, frade?”

Odino parou abruptamente e encostou-se na parede para recuperar o fôlego antes de apontar a lanterna para um par de olhos azuis. “Grito? Como é que grita?”

“Eu ouço. No meu coração — o som disso. Mesmo agora, vem de lá.” Lázaro apontava em direção ao ponto mais alto da parede rochosa do túnel.

Odino refletiu sobre a afirmação de Lázaro e percebeu que o menino apontava na direção da catedral — para o seu coração. O monge o repreendeu: “ Não quero mais ouvir essas palavras maldosas, menino! Agora cale-se, para que não sejamos ouvidos!” E, mais uma vez, correram pelo túnel.

Eles se apressaram pelo labirinto de passagens das catacumbas. Por fim, Odino entrou nos aposentos dos meninos e latiu, roucamente: "Saia dessa túnica molhada!" Ele se encostou na lateral da entrada. "Vocês têm roupas limpas?"

"Eu tenho essas debaixo da minha cama."

"Então, continuem com eles; não consigo me abaixar aí! Vocês têm outro capuz?"

"Apenas aquela que me tiraste, frade."

"Não importa. Despe-se e vista-se depressa." Odino olhou para fora do quarto.

e subiu o corredor principal, mas não viu nada além de escuridão, já que, com Lázaro agora escondido, ninguém se preocupou em reacender as tochas das catacumbas. Mesmo assim, Odino permaneceu de guarda, atento a sons sutis, observando o brilho distante de uma tocha que sondava o local.

Odino se virou e viu Lázaro ajoelhado ao lado de sua cama, chorando baixinho sobre uma caixa de madeira cheia de roupas.

"O que foi, garoto?", sibilou Odino.

Lázaro colocou a mão na borda da caixa. "Eu tenho um capuz — um novo. E dois mais — uma marcada para Miguel — outra para Thateus."

"Vamos logo com isso, Lázaro! Não é hora para isso!" Odino avançou apressadamente com a tocha, puxando-a.

Tirou as vestes e as máscaras da caixa e as colocou em cima da cama.

Lázaro enxugou o rosto, levantou-se de um salto e despiu-se rapidamente. Odino passou a tocha sobre a cama enquanto separava as roupas com a mão livre. O menino andava em círculos, agarrando o peito, nu e tremendo. Em quase todos os aspectos, o corpo franzino de Lázaro parecia tão normal quanto o de qualquer menino humano de sua idade, exceto pela ausência total de umbigo em seu estômago. No entanto, a maior diferença entre Lázaro e os outros escudeiros não era uma corcunda, como supunham os moradores da Abadia — escudeiros, frades e o Abade. Em aparência, sua coluna vertebral estava perfeitamente alinhada como a de qualquer menino saudável. De longe, a distinção mais notável era que Lázaro possuía um par de asas dobradas e membranosas, feitas de carne e osso.

Lázaro abriu as asas e sacudiu-as vigorosamente para se livrar da água. Recolheu-as nas costas, curvando-se sobre elas, e virou-se para procurar Odino, que tinha as roupas penduradas no antebraço, franzindo a testa, enquanto gotas de água escorriam por sua testa enrugada.

"Perdoe-me, frade", ofereceu Lázaro com o olhar baixo.

Odino acenou com a cabeça na direção da cama de Lázaro. "Use seus cobertores para se secar."

Lázaro assim fez, e Odino estendeu o braço. "Agora, vista-se."

Enquanto o menino se vestia, Odino mostrou-lhe outro conjunto completo de roupas estendido sobre a cama, incluindo um robe, um tapa-sexo, um capuz e dois pares de luvas. "O ar da noite está frio; você deve usar as duas roupas, uma sobre a outra. Depressa, termine logo com isso!"

Odino deu um tapinha no ombro dele, correu de volta para a porta e ficou de guarda enquanto Lázaro se ocupava. "Escute-me, Lázaro. Vamos sair das catacumbas. No entanto, há muitos soldados nos terrenos da Abadia, que farão de tudo para nos impedir."

nossa fuga. E embora a escuridão nos proteja, não podemos ser vistos nem ouvidos — e devemos nos mover como o vento.” Odino conteve uma tosse e olhou para Lázaro. “Você me entende, garoto?”

“Sim, frade. Mas... talvez pudéssemos nos esconder nas catacumbas... só até amanhã”, sugeriu Lázaro, com a voz trêmula. O monge percebeu uma expressão de

Uma expressão de grave apreensão estampada em seu rosto, pouco antes de o menino colocar a máscara sobre a cabeça.

Claramente, Odino percebeu que Lázaro pouco sabia do mundo exterior às catacumbas, exceto pelo que poderia ter aprendido nos livros do scriptorium da Abadia. Lázaro apertou os cordões do capuz e acrescentou: “Os soldados podem não nos descobrir aqui embaixo. Conheço uma parede oca dentro do Túnel Benion—”

Odino atravessou a sala, agarrou o ombro do menino e o sacudiu. “Não!”

Você precisa assumir o controle de si mesmo! As catacumbas não existem mais.

Não há mais tochas para acender ou apagar; nada de fazer vinho; nada de limpar paredes e pisos. A partir deste momento, as únicas ordens a obedecer virão

diretamente de você. E você viverá ou morrerá por essas ordens! Não se engane, Lázaro!

“Ainda não serei frade—”

“Sem exceções, Lázaro. Sua própria vida depende disso!”

Lázaro baixou os ombros e a cabeça, e ficou em silêncio.

Odino o soltou e suspirou. “O que é agora?”

“Estou com medo, frade.”

Odino ajoelhou-se diante dele. “E é melhor que esteja mesmo!” O sacerdote apontou para o teto. “Aqueles homens lá em cima vão te matar se te pegarem. O medo é a própria condição para te manter vivo. O medo é bom.” Ele sacudiu a tocha. “O medo é seu amigo, jamais deve ser testado ou traído.” Odino puxou a segunda máscara da cama.

“Agora, coloque outro capuz sobre o primeiro e amarre um terceiro par de luvas sobre os dois, imediatamente!” Odino levantou-se abruptamente e voltou para a porta.

Lázaro vestiu-se às pressas enquanto Odino o repreendia. “Você não é mais um menino, você é um homem, não é?”

“Sim, frade”, resmungou Lázaro, colocando uma segunda máscara sobre a primeira e pegando outro par de luvas para os pés.

“Então, lembre-se do meu nome; qual é o meu nome?”

“Seu nome é Frei Delon Odino, frade.”

“Não é! Entenda bem: o menino chamado Lázaro não existe mais. Ele se tornou um homem. Fala e se comporta em tudo como seu pai.” Odino bateu com a mão aberta nas pedras da parede e Lázaro sobressaltou-se, virando rapidamente as escuras aberturas de sua máscara para o monge. “Agora você é Ivan! Ivan você é. Agora, responda-me novamente, só que desta vez, como Ivan responderia. Qual é o meu nome?”

“Odino”, respondeu Lázaro, mantendo o olhar fixo nas luvas que protegiam os pés.

“Muito bem”, respondeu Odino com um breve sorriso. “Nesta noite, você se torna seu orgulhoso

Pai. Você encontrará forças nele — dentro de si mesmo. Ele o guiará em espírito até o fim de seus dias. E ele estará para sempre com você.” Odino deu um tapinha no próprio peito. “Aqui; em seu coração.” Odino olhou para baixo ao sentir um pequeno objeto escondido sob sua túnica. “Ah, sim. Ele insistiu que você tivesse isto, caso algo — bem — aqui.” Com a mão livre, o sacerdote puxou um colar de corda de couro. Do pescoço dele, pendia uma cruz de madeira em miniatura, que Lázaro reconheceu imediatamente como a cruz de oração de Ivan. Odino aproximou-se do menino e colocou o colar em volta da cabeça dele antes de esconder a cruz sob a túnica. “Pronto; agora você é Ivan. E Ivan nunca chora, não é?” Lázaro olhou para Odino, seus olhos azuis brilhando à luz da tocha através de um par de lentes de buracos em sua máscara.

“Não, fria... não, Odino”, respondeu Lázaro. “Estou vestido.”

“Então, vamos embora.” Odino deu um tapinha no ombro dele. “E aconteça o que acontecer, lembre-se apenas de que você deve fugir desta Abadia o mais rápido possível e permanecer longe dela para sempre. Se os soldados me pegarem, você não deve olhar para trás nem hesitar. Sozinho, eles não me matarão; mas se pegarem você, matarão nós dois — você, por quem você é, e eu, por ajudar na sua fuga.” Odino estreitou os olhos. “Minha vida está em suas mãos. Não me decepcione, Lázaro.”

Lázaro esfregou um pequeno objeto escondido sob sua túnica e endireitou os ombros.

“Eu não vou—Odino.”

Odino atirou a tocha acesa sobre a cama e as chamas imediatamente envolveram os cobertores. A fumaça subiu em espirais contra o teto de pedra e se espalhou pelo corredor. Lázaro lembrou-se da carta de Naramsin e de suas muitas páginas de símbolos inscritos. Mergulhou na água e enfiou um braço curioso na palha do colchão, mas não encontrou nenhum papel. Odino o puxou para longe. “O que diabos você está fazendo?”

“Eu tinha um rolo de pergaminho lá dentro!” exclamou Lázaro, apontando para a cama em chamas.

“Já se foi.”

“Deixe para lá.” Odino virou o rosto de Lázaro para longe das chamas e olhou-o diretamente nos olhos. “Você tem tudo o que precisa. Agora, escute-me.

Caso sejamos descobertos, você deve retornar ao Poço e se esconder na caverna abaixo.” o chão — como antes. A escuridão e a fumaça te envolverão, não é?

“Sim, irei”, respondeu Lázaro.

O monge assentiu com a cabeça, enxugando as gotas de suor que lhe escorriam pela testa.

“Vamos lá, então — como o vento”, sibilou ele.

Odino escutou perto da porta antes de escoltar Lázaro apressadamente pelo corredor escuro. Atrás deles, o brilho de uma fogueira crepitante se dissipou à medida que características notáveis da passagem mergulhavam em sombras mais densas. Odino se guiava pelo túnel negro, como costumava fazer durante suas peregrinações noturnas à adega; deslizava os dedos pela parede, buscando marcas memoráveis que pudessem indicar com precisão onde pisava. Lázaro caminhava logo atrás dele enquanto subia pelo centro do corre

o corredor e, com seu passo rápido e firme, não tocou em nada. Na escuridão, o andar imponente do rapaz poderia parecer idêntico ao do pai; com passadas largas e firmes que pareciam mover a própria terra sob seus pés. Juntos, o monge e o escudeiro contornaram uma curva e seguiram apressadamente em direção a um brilho distante no final do corredor.

Por fim, o túnel se abriu para um recinto alto, com amplos degraus que subiam em direção a um patamar de pedra. No topo do patamar, uma porta de madeira desprotegida, com cintas de ferro, marcava a entrada das catacumbas da Abadia. Perto da base dos degraus, uma tocha bruxuleante lutava para manter a última chama acesa. Dela, uma brasa vermelha incandescente flutuou até o chão e se apagou. Odino subiu a escadaria arrastando os pés, subindo metade dos degraus antes de perceber que Lázaro não o seguia mais. Ele parou e se virou para encontrar o menino parado sob a luz fraca da tocha, olhando atônito no chão. O padre bufou e desceu as escadas arrastando os pés. Só então, o padre percebeu a causa da distração do menino. Lázaro olhou fixamente para o chão e examinou uma mancha de sangue que, momentos antes, corria pelas veias de Ivan.

"Agora não!" Odino agarrou-lhe o braço e, juntos, subiram correndo as escadas. O monge entreabriu a porta da catacumba e escutou — apenas para ouvir silêncio. Ele a abriu de repente. Abriu a porta e correu para o corredor. Contudo, antes de virar a esquina, olhou por cima do ombro e viu o rapaz parado imóvel na soleira da porta — parecia que Lázaro se via à beira de um grande abismo, olhando para baixo. Odino recuou alguns passos e acenou para Lázaro vir em sua direção. "Agora!"

Lázaro respirou fundo antes de atravessar a porta. Ele se jogou sobre Odino, com os punhos cerrados agarrando a parede de tecido da túnica do monge.

"Muito bem. Agora, fique por perto." Odino o puxou para longe. Embora Lázaro não dissesse nada, Odino ouviu a respiração ofegante e imaginou uma expressão de terror nos olhos arregalados, escondida sob uma máscara que, de outra forma, não revelava nada. De repente, de um cômodo adjacente... No corredor, uma porta bateu com força; a voz dos soldados que se aproximavam ficou mais alta.

"Seja forte, Lázaro!" exclamou Odino, arrastando os pés pelo corredor. "Apreste-se", sibilou para o garoto por cima do ombro. E com Lázaro logo atrás, os dois fugiram do barulho.

Os dois irromperam pelas portas laterais do edifício e se esconderam atrás de uma fileira de altos arbustos perenes que margeavam o muro da Abadia. E ali permaneceram, imóveis, enquanto o ar frio e a tênue luz da lua nascente lançavam uma névoa densa sobre suas respirações ofegantes. Na direção da catedral, ouviram vozes de soldados discutindo, acompanhadas por ocasionais gritos de comando. Sons preenchiam o ar noturno: o bufar dos cavalos, o bater de botas, o bater de portas e o tilintar de metal — o pátio estava repleto dos ruídos de um exército em plena atividade.

Odino puxou a túnica de Lázaro e fez um gesto para que ele a seguisse. Juntos, eles se esgueiraram pelo espaço apertado atrás da sebe, encostando as costas na parede enquanto caminhavam. Silenciosamente, avançaram em direção ao portão sul da Abadia, enquanto as vozes dos soldados conversando ficavam cada vez mais altas a cada passo. Odino colocou o dedo nos lábios, fazendo um gesto para que Lázaro permanecesse em silêncio.

O monge afastou cuidadosamente os arbustos para discernir quatro soldados parados dentro do pátio, bem longe do portão aberto e desprotegido da Abadia, de costas para ele e olhando para o distante telhado da catedral — para uma nuvem de Aparições brilhantes que pairava acima dela. Novamente, ele puxou Lázaro antes de abrir caminho na extremidade da cerca viva e entrar sem rodeios na clareira. Enquanto os soldados permaneciam ali, Odino puxou Lázaro de trás dos arbustos e o empurrou com tanta força através do portão que o menino quase tropeçou e caiu. Mesmo assim, os dois escaparam em segurança para a escuridão e, numa feliz coincidência, para o mesmo Mal que causara a Lázaro, ao se esconder para salvar a vida, temia que os soldados o encontrassem e o matassem por causa de sua condição, acabou distraindo-os e permitindo sua fuga.

Como sombras movendo-se sob o brilho tênue de uma lua nascente, eles voaram pela encosta em direção a um campo de grama curta e seca, marcado por fileiras de pedras e cruzeiros — em direção ao cemitério da Abadia. Os dois saltaram sobre montes e através de lápides, até chegarem ao extremo do cemitério. Odino escondeu-se atrás de uma pedra da altura de uma cabeça, arrebatando Lázaro da vista de qualquer soldado que patrulhasse a área.

E ali se esconderam de todos. Odino encostou-se à rocha, ofegante. Lázaro estava perto dele, observando quase tudo ao mesmo tempo. Ele vasculhava a grama, as lápides, as colinas distantes, uma lua vermelha nascente e um céu vasto repleto de incontáveis estrelas. "Não gosto disso", comentou. "O mundo é grande demais."

Odino recuperou o fôlego e suspirou. "E ainda vai crescer, antes que a noite termine."

Lázaro se virou bruscamente e perguntou: "Mais do que agora?"

O monge curvou os ombros e gemeu: "Isto nunca vai funcionar. Tenho de buscar provisões." Olhou para o rapaz. "Conheço um caminho sem vigilância que proporciona passagem segura para dentro e para fora do dormitório — e da Abadia, desde que aqueles guardas do portão se mantenham distraídos."

"Nós escapamos — estamos a salvo!"

"Não, Lázaro. Estamos a mais de um dia de caminhada da aldeia mais próxima e ainda a meia noite de distância do abrigo mais próximo que possa lhe oferecer proteção adequada contra o sol — e não temos provisões para os próximos dias, a não ser as vestes que temos."

"Podemos encontrar provisões pelo caminho", sugeriu Lázaro.

"Se ao menos o mundo fosse tão generoso. Infelizmente, não encontraremos tais provisões no caminho desolado que devemos percorrer. O único meio de acesso a uma fogueira e o único

“A água doce disponível para nós permanece escondida dentro dessas paredes”, declarou Odino, acenando com a cabeça em direção ao portão sul da Abadia. “E o último pedaço de comida entre aqui e a Boca da Montanha agora está escondido dentro do dormitório, já que recolhi tudo o que restava dos mantimentos da cozinha.”

Lázaro olhou para oeste. “A Boca da Montanha é uma caverna; ali”, afirmou, apontando na direção do horizonte escuro.

“Sim, é verdade”, respondeu Odino. “E é aí que você deve estar, por enquanto — a salvo do sol. Você se lembra da caverna, não é?”

“Sim, eu sei. Meu pai me contou sobre Mountain Mouth. E Frei Nicolau me descreveu, como ele o encontrou.”

“Você acredita que pode me levar exatamente até lá — em apenas meia noite?”

“Ah, sim! Posso te levar até lá! Frei Nicolau disse: se alguém caminhar *exatamente* para oeste, sem se desviar nem um pouco, chegará direto à Boca da Montanha. E eu nunca me desvio; você verá.”

Odino soltou um suspiro de alívio, bem ciente de que Lázaro possuía um senso de direção quase divino, talvez até maior do que o de qualquer outro homem vivo — um senso tão infalível quanto o de qualquer ave migratória. E estava confiante de que Lázaro não se desviaria mais do que um passo do caminho para o oeste, mesmo que fosse obrigado a segui-lo por várias noites seguidas. Odino voltou-se para a Abadia e murmurou: “Finalmente, isso pode nos favorecer. Devo buscar nossos mantimentos enquanto os soldados estiverem distraídos.”

“Mas os soldados nos pegarão!” exclamou Lázaro, agarrando um punhado da túnica de Odino .

“Não”, respondeu o monge, virando-se e afastando a mão do menino . “Preciso ir, sozinho. Não podemos arriscar que você seja capturado.”

Lázaro deu um tapinha na pedra. “Então devo ficar aqui, atrás desta rocha?”

Odino balançou a cabeça. “Não pode. Se ficar aqui, soldados em patrulha podem te encontrar. E se eu me atrasar, você pode não ter tempo suficiente para se proteger do sol.” Odino olhou para o leste e contemplou uma lua brilhante e inchada. Lázaro vasculhou a extremidade oeste mais escura do cemitério antes de voltar para Odino. “Então, onde devo me esconder?”

“Não aqui. Boca da Montanha”, respondeu Odino. “A jornada dura apenas metade de uma noite. Tempo está do seu lado. E você sabe como encontrá-lo, não é?”

Lázaro baixou a cabeça. “Talvez. Só se Nicolau estiver falando a verdade, porém—”

“Nicolau fala a verdade, Lázaro. Ele mostrou a Boca da Montanha a mim e ao seu pai. Estávamos lá quando ele lhe deu o nome.”

“Mas devemos partir juntos — você e eu. E amanhã, você poderá retornar à Abadia e buscar provisões, sim?”

“Não, Lázaro. A jornada é árdua — uma travessia de muitas colinas e vales.” Odino enxugou a testa suada na manga. Ele colocou uma mão trêmula sobre

Ele sentiu o estômago revirar e balançou a cabeça. "Não tenho condições de ir e voltar a pé. Sou um fardo até para mim mesmo — mesmo sem carregar um saco pesado de provisões. Se eu não morrer de frio intenso, e fizer como você sugeriu, voltando amanhã, então..." Como poderei passar pelos soldados quando a distração da noite tiver passado e os guardas do portão estiverem de volta aos seus postos?" Odino apontou para além da pedra e para além do muro da Abadia. "Veja ali, no topo da catedral — aquelas coisas que este novo Cardeal libertou da Pedra do Portão." Lázaro olhou para o telhado e as torres da igreja, suas partes superiores agora iluminadas sob um enxame crescente de Aparições informes. Odino continuou: "São Espíritos de algum tipo, e tenho quase certeza de que Eles pretendem fazer mais do que nos entreter com seu espetáculo deslumbrante. Não, sua presença e seus movimentos me revelam que um mal muito maior ainda está por vir sobre esta Abadia. Não sei qual; contudo, mesmo agora, eles parecem se reunir como um exército de espíritos. Veja como eles se movem e se agrupam em fileiras, entre as estátuas do telhado. Uma coisa é certa, meu rapaz. Não estaremos aqui quando eles vierem se organizar.

Portanto, devo partir agora, enquanto os soldados estão distraídos com eles e com a fumaça recente das catacumbas.

É hora de buscar os mantimentos, quando isso pode ser feito facilmente."

"Eles vão te pegar — eu sei que vão", lamentou Lázaro, puxando novamente a túnica do monge.

Odino colocou as mãos nos quadris e recostou-se. "E suponhamos que me capturem. O que farão com um monge capturado? Pedirão perdão? Lázaro, até os soldados honram seu Senhor. Não me farão nada, simplesmente por ser quem sou: um homem da igreja e um servo de Deus. Agora, o mais importante, você deve carregar

**Siga em segurança até Mountain Mouth antes do anoitecer. Encontrarei você lá, com as provisões."**

Lázaro soltou a túnica de Odino e deixou cair a cabeça.

"E além disso", acrescentou Odino, "se tentarem me capturar, eu os espancarei a todos com um bode e os mandarei embora!"

Lázaro ergueu os olhos e balançou a cabeça negativamente. O monge percebeu que um sorriso, ainda que discreto, se escondia sob a máscara do rapaz. Mesmo assim, o menino desviou o olhar e ficou perdido no horizonte.

Odino ajoelhou-se diante de Lázaro e colocou a mão em seu ombro. "Espero que você seja forte, como seu pai esperaria. Você carrega a cruz dele consigo. E você o deixará orgulhoso, não é?"

"Sim, frade", resmungou Lázaro.

Odino vasculhou o terreno em busca de sinais de soldados. "E você tem certeza de que pode caminhar precisamente para oeste?"

"Posso sim", afirmou Lázaro. "Mas o senhor já sabe disso, frade." Um tom de irritação transpareceu em sua voz.

"Sim, eu sei." Odino deu um tapinha no ombro dele e apontou para o oeste. "Do ponto onde estamos,

Você deve caminhar *precisamente* para oeste durante metade da noite, e Mountain Mouth será sua. Não seja visto nem ouvido ao longo do caminho. Não se desvie nem um pouco — seu curso *jamais* deve se desviar. Não hesite, para que você não contorne a montanha sem perceber. Evite tudo, siga o caminho reto e estreito até a caverna. Entendeu?

“Sim, frade.”

“E se por acaso não conseguiremos chegar à gruta antes do amanhecer, debes cobrir-te do sol. Se nada mais, cava um buraco e enterra-te com terra e pedras.” Odino inclinou-se para a frente e sacudiu-o firmemente pelos ombros. “Isto é muito importante, Lázaro! O sol te matará! Morres! Eu vi — é uma morte horrível e dolorosa! Tua carne se transforma em pedra, por dentro e por fora, mesmo enquanto gritas! E não há como voltar atrás. O sol será a tua morte, Lázaro — não haverá vida depois disso.”

Lázaro não disse nada. Odino o soltou. Para o monge, o silêncio e a postura rígida do menino pareceram uma resposta adequada.

“Agora, espero que você se afaste deste lugar — só resta o mal. Nunca olhe para trás e não hesite por nada.” Odino ajeitou a túnica do menino. Ele examinou o terreno novamente antes de cutucar o menino para que seguisse seu caminho. “Entendeu?”

“Sim, frade.”

Lázaro caminhou em direção a um horizonte negro a oeste; ele manteve o olhar fixo à frente enquanto clamava: “E você virá atrás de mim em breve... esta noite?” Sua voz crepitava com palavras trêmulas.

“Nos reuniremos em Mountain Mouth ao amanhecer, se o Senhor permitir”, assegurou-lhe Odino. “É pela fé inabalável e pela firme determinação que você sobreviverá ao que está por vir. Você agora é um homem, Lázaro. Você é filho de seu pai; e carrega todos os seus fardos e bênçãos. Não vacile na distração, na tentação ou na confusão. Não se desvie do seu caminho. Você é Ivan agora. Vá! E não pise em nossos pés!”

O rapaz endireitou os ombros e marchou para o interior do cemitério. Odino observava de longe, enquanto a silhueta encapuzada se confundia com a escuridão da noite. Por fim, a figura desapareceu nas sombras de um vale próximo. Passou-se um instante e um vento oeste soprou pela região. Só quando Odino teve certeza de que o menino já havia se afastado o suficiente, ele se deixou cair sobre a pedra. Sob ele, lágrimas iluminadas pelo luar manchavam a face da pedra. Odino chorava por Ivan, pois Ivan não podia chorar por seu Lázaro aterrorizado; chorava por Lázaro, pois Lázaro fingia ser o 'Ivan' que ele não estava pronto para ser; e chorava por si mesmo, pois jamais poderia ser o 'Ivan' que Ivan fora para Lázaro.

Infelizmente, na solidão de sua solidão imediata, Odino desmoronou, sentindo-se apenas um monge gordo caído sobre uma rocha redonda — percebendo que era apenas um mero ponto inútil de um homem, subjugado e afogado em algum grande e terrível dilúvio de

Vazio e saudade intensos — choro e lamentos por mágoas secretas, em meio a um vasto cemitério da Abadia, repleto de ouvidos há muito mortos e surdos.

[ Fim do Capítulo 7 ]



Esta obra literária foi criada

e exclusivamente em dedicação de

## Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~